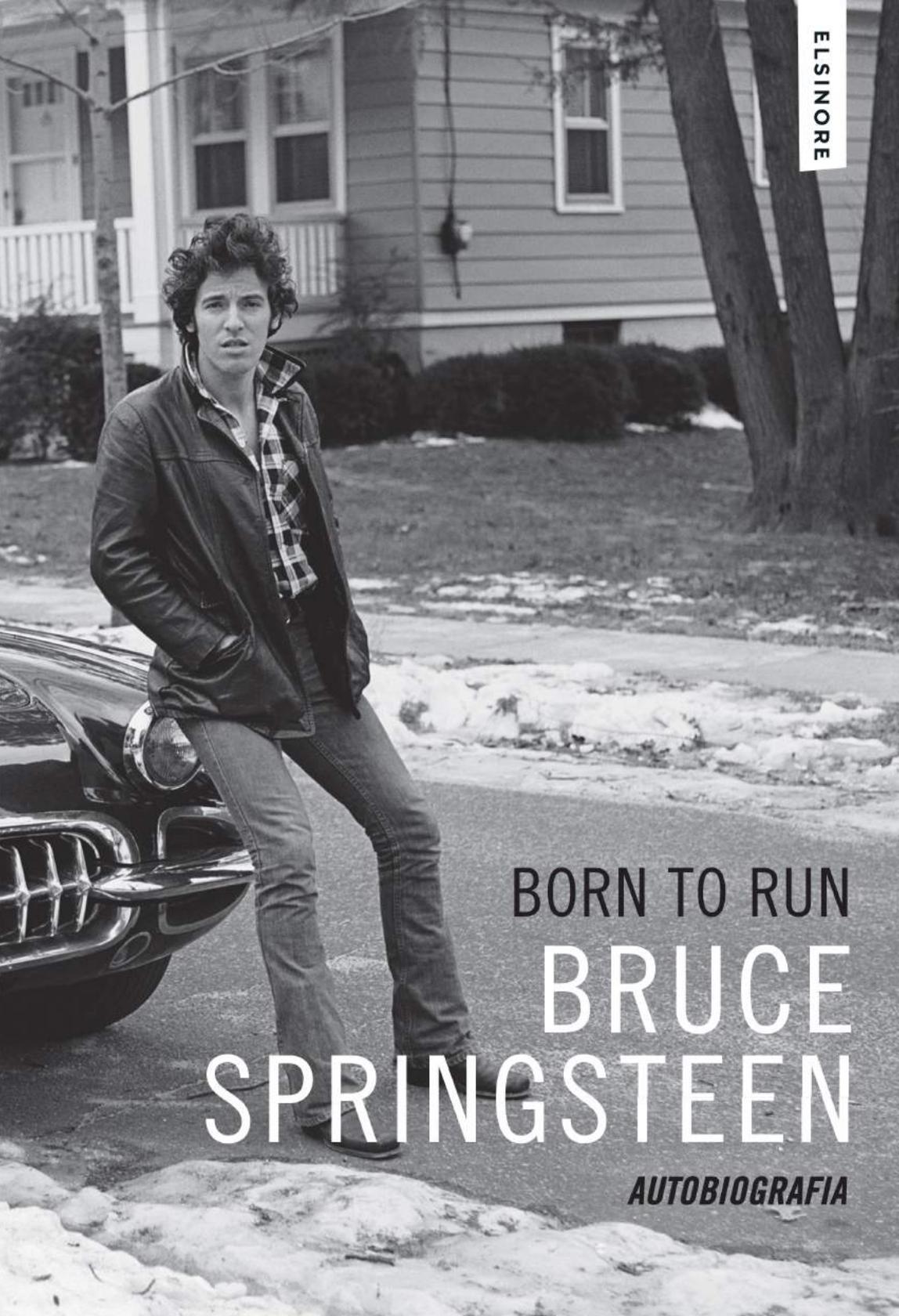


ELSINORE



BORN TO RUN
BRUCE
SPRINGSTEEN

AUTOBIOGRAFIA

ÍNDICE

11

Prefácio

–

13

Livro Um

«Growin' Up»

–

A Minha Rua, 15

A Minha Casa, 20

A Igreja, 25

Os Italianos, 32

Os Irlandeses, 38

A Minha Mãe, 46

O *Big Bang* (Ouviram
a Notícia?), 52

Dias da Rádio, 58

A Segunda Vinda, 62

Homem Espetáculo,
(*Lord of the Dance*), 68

Blues de Operário, 72

Onde Estão as Bandas, 75

Os Castiles, 82

Era Uma Vez Um Miúdo
Chamado Steven, 105

Terra, 114

O Upstage Club, 123

Tinker (Safari do Surf), 134

Os Steel Mill, 141

Chegar a Casa, 162

Verão Interminável, 170

Beatnik Deluxe, 177

Sonhar com a, 184

Califórnia (Parte 2)

É Um Bar, Idiotas, 191

Em Frente e para Cima, 197

Perder a Fé, 207

Trabalhos na Estrada, 214

*The Wild, the Innocent
and the E Street*

Shuffle, 219

O Satellite Lounge, 230

235

Livro Dois

«Born to Run»

–

«Born To Run», 237

Jon Landau, 243

«Thunder Road», 251

Jackpot, 256

E Street Band, 269

Clarence Clemons, 277

Novos Contratos, 283

Viver com a Lei, 293

*Darkness on the Edge
of Town*, 300
O Golpe, 309
Tempo de Descanso, 312
«The River», 317
Cidade dos Êxitos, 331
Olá, Paredes, 342
Nebraska, 346
Livrai-Me de Lugar
Nenhum, 349

Califórnia, 356
Born in the USA, 362
Buona Fortuna,
Fratello Mio, 368
Grandes, Grandes
Tempos, 372
Regresso a Casa, 391
Regresar a Mexico, 396
Tunnel of Love, 402
Califórnia, 413

419

Livro Três

Prova Viva

–

Prova Viva, 421
Revolução Ruiva, 424
Mudanças, 428
LA em Chamas, 431
Casar, 433
Terramoto Sam, 442
«Streets of Philadelphia», 452
The Ghost of Tom Joad, 456
O Homem Do Oeste, 462
A Mulher do Leste, 472
O Rei de New Jersey, 475
Trazer Tudo de Volta
a Casa, 477
Renascimento, 479
The Rising, 496

Leste Selvagem, 504
The Seeger Sessions, 510
Magic, 516
Domingo de Super Bowl, 521
Seguir em Frente, 526
Wrecking Ball, 529
Perder a Chuva, 532
A Digressão *Wrecking Ball*, 537
Do Zero aos Sessenta num
Piscar de Olhos, 546
Bandas de Garagem, 550
High Hopes, 553
Frente de Batalha
em Casa, 559
«Long Time Comin'», 564

568

Epílogo

–

571

Agradecimentos

–

574

Créditos Fotográficos

–

PREFÁCIO

Nasci numa cidade à beira-mar onde quase tudo é contaminado por uma certa dissimulação. Incluindo eu. Aos vinte anos, sem qualquer espírito de rebeldia materializada em corridas loucas de carros, tocava guitarra nas ruas de Asbury Park e já era um membro de pleno direito do grupo dos que «mentem» a bem da verdade... artistas, com A pequeno. Mas tinha quatro grandes vantagens: era jovem, tinha quase dez anos de experiência em bandas de bares de má reputação, um bom grupo de músicos meus conterrâneos, habituados ao meu estilo, e uma história para contar.

Este livro é, ao mesmo tempo, uma continuação dessa história e uma tentativa de descoberta das suas origens. Assumi como parâmetros os acontecimentos da minha vida que acredito terem dado forma a essa história e à minha vida como músico. Uma das perguntas que os fãs me fazem vezes sem conta é: «Como é que tocas assim?» Nas páginas que se seguem vou tentar explicar como e, mais importante ainda, porquê.

Kit de sobrevivência Rock 'n' Roll

ADN, habilidade natural, estudo das técnicas, desenvolvimento e devoção a uma filosofia estética, puro desejo de... fama? Amor? Admiração? Atenção? Mulheres? Sexo? Ah, claro, e umas coroas. E depois, caso queiram continuar noite fora, um fogo voraz cá dentro que se apaga, eterno.

BRUCE SPRINGSTEEN

Estes são alguns dos elementos que poderão dar jeito quando se está frente a frente com 80 mil (ou 80) fãs de *rock 'n' roll* que estão à espera de que façamos o nosso truque de magia. À espera de que tiremos qualquer coisa de dentro do chapéu, que façamos algo a partir do nada, que lhes ofereçamos algo nunca antes visto, qualquer coisa que, antes de toda a congregação se ter reunido, era apenas um rumor alimentado por uma canção.

Estou aqui para apresentar a minha prova de vida perante o «nós», esse conceito fugidio e nem sempre credível. É este o meu truque de magia. E, como todos os bons truques de magia, começa com uma encenação. Assim sendo...

LIVRO UM
«GROWIN' UP»

UM

A MINHA RUA

Tenho dez anos e conheço todas as rachas e buracos dos passeios em Randolph Street, a minha rua, onde sou ora Aníbal a vencer os Alpes, um fuzileiro num combate terrível numa montanha ou todos os *cowboys* possíveis e imaginários a atravessar os caminhos rochosos da Serra Nevada. A rastejar com a barriga sobre a pedra, ao lado dos minúsculos montes de formigas que se erguem como vulcões nos sítios onde a terra e o cimento se encontram, o meu mundo estende-se até ao infinito ou, pelo menos, até à casa do Peter McDermott, na esquina da Lincoln com a Randolph, um quarteirão mais acima.

Fui transportado por essas ruas no meu carrinho de bebé, foi nelas que aprendi a andar, que o meu avô me ensinou a andar de bicicleta e que tive as minhas primeiras cenas de pancadaria. Foi lá que fiquei a conhecer a profundidade e o conforto das verdadeiras amizades, que tive os primeiros momentos de excitação sexual e que, nos serões antes de existir ar condicionado, via os alpendres das casas encherem-se de vizinhos desejosos de conversar e descansar do calor do verão.

Foi aqui que, em torneios épicos de bólingue, destruí a primeira de uma centena de bolas de borracha *Pinky* na esquina aguçada do passeio. Trepei até ao alto de pilhas de neve suja amontoadas por limpa-neves que trabalhavam durante a noite, como um Edmund Hillary de New Jersey. Eu e a minha irmã costumávamos espreitar pela gigantesca porta de madeira da nossa igreja, como «penetras», para assistirmos ao infundável desfile de batismos, casamentos e funerais. Ia sempre atrás do meu pai, lindo e elegante, mesmo

que andrajoso, quando ele percorria o quarteirão, meio a cambalear, com o braço esquerdo paralisado, para fazer «exercício», após um AVC que o deixou com sequelas graves, das quais nunca conseguiu recuperar.

No nosso jardim da frente, a poucos metros do alpendre, fica a maior árvore da cidade, uma faia gigantesca. A sua elevação sobre a nossa casa é tão grande que um raio na posição certa matar-nos-ia a todos como caracóis esmagados pelo dedo mindinho de Deus. Nessas noites de trovoadas, em que os trovões ecoam e os relâmpagos tingem os nossos quartos de azul-cobalto, vejo os seus ramos moverem-se e ganharem vida por entre o vento e os clarões brancos, enquanto fico acordado, preocupado com o meu querido monstro que está lá fora. Nos dias de sol, as suas raízes são um forte para os meus soldados, uma cavalaria para os meus cavalos e a minha segunda casa. Tive a honra de ser o primeiro das redondezas a trepar ao ponto mais alto da árvore. É onde me abrigo de tudo o que existe lá em baixo. Passo horas a deambular entre os seus ramos, sob o som das vozes abafadas dos meus amigos, vindo lá de baixo, do passeio, enquanto tentam acompanhar as minhas manobras. Nas noites lentas de verão, sentamo-nos nos seus ramos adormecidos, eu e os meus amigos, a cavalaria que chega ao anoitecer, à espera das campainhas que nos chamam a esta hora: o homem dos gelados e a cama. Ouço a voz da minha avó a chamar-me para ir para casa, o último som dos meus longos dias. Vou até ao alpendre, com as janelas da nossa casa a brilharem à luz do crepúsculo de verão; abro a pesada porta da rua, depois fecho-a e, durante mais ou menos uma hora, à frente do fogão a querosene, eu e o meu avô, sentado no seu cadeirão grande, vemos o pequeno ecrã a preto-e-branco iluminar a sala, projetando os seus espectros nas paredes e no teto. Depois adormeço, aconchegado no maior e mais triste abrigo que alguma vez conheci: a casa dos meus avós.

Vivo aqui com a minha irmã Virginia, um ano mais nova do que eu; com os meus pais, Adele e Douglas Springsteen; com os

meus avós, Fred e Alice; e com o meu cão, o *Saddle*. Vivemos, literalmente, no seio da Igreja Católica, com a casa paroquial, o convento das freiras, a Igreja de Santa Rosa de Lima e a escola à distância do arremesso de uma bola para o outro lado de um campo coberto de ervas de todos os tamanhos.

Apesar de se erguer acima de nós, aqui Deus está rodeado de homens — mais propriamente, homens loucos. A minha família tem cinco casas dispostas em L, a partir da esquina junto à igreja de tijolo vermelho. São quatro casas de irlandeses da velha guarda, as pessoas que me criaram — os McNicholases, os O’Hagans, os Farrells — e, do outro lado da rua, um posto avançado de italianos, que apimentaram a minha educação. São os Sorrentinos e os Zerillis, vindos de Sorrento, na Itália, através de Brooklyn e daí através de Ellis Island. É lá que mora a mãe da minha mãe, Adelina Rosa Zerilli; a irmã mais velha da minha mãe, Dora; o marido da Dora, Warren (obviamente, irlandês); e a filha deles, a minha prima mais velha, Margaret. A Margaret e o meu primo Frank são campeões de *jitterbug*, vencendo concursos de dança e ganhando prémios por toda a costa de Jersey.

Embora não antipatizem uns com os outros, também não é costume os clãs atravessarem a rua para conviverem.

A casa onde vivo com os meus avós pertence à minha bisavó «Nana» McNicholas, mãe da minha avó, que está viva e recomenda-se. Disseram-me que a primeira missa e o primeiro funeral da cidade realizaram-se em nossa casa. Vivemos aqui sob o olhar arrastado da irmã mais velha do meu pai, a minha tia Virginia, que morreu com cinco anos, atropelada por um trator quando estava a andar de triciclo ao pé da bomba de gasolina. O retrato dela paira sobre a sala, emanando um ar espectral e relembrando o seu triste destino nas nossas reuniões familiares.

É um retrato formal, em tons sépia, de uma menina com um vestido antiquado de linho branco. À luz dos acontecimentos, o seu olhar bondoso parece dizer: «Cuidado! O mundo é um lugar

perigoso e implacável, capaz de vos deitar de um triciclo abaixo e de vos mandar para o negrume dos mortos, e só estas almas, pobres, desorientadas e infelizes, sentirão a vossa falta.» A mãe dela, a minha avó, ouviu bem essa mensagem. Passou dois anos de cama depois de a filha morrer e mandou o meu pai, negligenciado e raquítico, viver nos arredores da cidade com outros membros da família, enquanto ela recuperava.

O tempo foi passando; o meu pai deixou a escola aos dezasseis anos e começou a trabalhar como pacote na Karagheusian Rug Mill, uma fábrica barulhenta, cheia de teares e máquinas ensurdecedoras, que ocupava os dois lados de Center Street, numa parte da cidade chamada «Texas». Aos dezoito anos foi para a guerra, partindo de Nova Iorque no *Queen Mary*. Foi motorista de camiões na Batalha das Ardenas, viu o pequeno canto do mundo que o mandaram visitar e voltou para casa. Jogou bilhar a dinheiro, com grande perícia. Quando conheceu a minha mãe, apaixonou-se por ela, prometendo-lhe que, se aceitasse casar com ele, iria arranjar um emprego a sério (atenção!). Trabalhou com o primo, David «Dim» Cashion, na fábrica da Ford em Edison, e depois nasci eu.

Para a minha avó, fui o primeiro neto do seu único filho e o primeiro bebé lá de casa desde a morte da filha dela. O meu nascimento devolveu à vida dela um objetivo. Dedicou-se totalmente a mim. A sua missão passou a ser proteger-me do mundo. Infelizmente, a sua devoção cega e obsessiva acabou por criar ressentimentos no meu pai e uma enorme confusão no seio da família, arrastando-nos a todos.

Quando chove, a humidade do ar inunda a nossa cidade com o cheiro a café moído, que vem da fábrica da Nescafé, no fim da cidade, para leste. Não gosto de café, mas gosto daquele cheiro. É reconfortante; une a cidade numa experiência sensorial comum; é uma fábrica importante, como a tonitruante fábrica de tapetes que nos massacra os ouvidos; é uma fonte de trabalho e um sinal da vitalidade da nossa cidade. Há aqui um lugar — podem ouvi-lo, cheirá-lo —

onde as pessoas vivem, sofrem, desfrutam de pequenos prazeres, jogam baseball, morrem, fazem amor, têm filhos, embebedam-se nas noites de primavera e fazem tudo o que podem para manter ao longe os demónios que querem destruir-nos a nós, às nossas casas, às nossas famílias, à nossa cidade.

Aqui, vivemos à sombra do campanário, onde as vestes sagradas saem à estrada, todas falsamente abençoadas pela misericórdia de Deus, neste espaço de fazer parar os corações, baixar as calças, criar tumultos raciais, fomentar o ódio às pessoas diferentes, agitar as almas, despertar paixões e ódios e despedaçar corações — a cidade de Freehold, New Jersey.

Que comece a cerimónia.

DOIS

A MINHA CASA

É quinta-feira à noite, noite de caça ao lixo. Estamos mobilizados e prontos a partir. Juntámo-nos no carro dos anos 40 do meu avô, à espera de sermos distribuídos pelos vários montes de lixo que transbordam dos passeios da nossa cidade. Primeiro, vamos para Brinckerhoff Avenue; é onde está o dinheiro e o lixo é mais seleta. Vamos à procura de rádios, quaisquer rádios, independentemente do estado em que se encontrarem. Vamos rebuscar a pilha de lixo e, quando os encontrarmos, atiramo-los para a mala do carro para os levarmos para casa, para «o abrigo», o cubículo de madeira do meu avô, de dois metros por dois e sem aquecimento, num canto da nossa casa. É um sítio onde a magia acontece. Sento-me ao lado dele, naquele espaço cheio de fios elétricos e tubos de filamentos, a observá-lo atentamente, enquanto ele liga, solda e troca tubos estragados por tubos bons, ambos à espera do mesmo momento: o instante em que um sussurro, o maravilhoso zumbido da estática e o brilho quente e evanescente da eletricidade voltam a emanar dos esqueletos mortos dos rádios que salvámos da destruição.

Aqui, na bancada de trabalho do meu avô, a ressurreição acontece mesmo. O vazio e o silêncio são substituídos pelas vozes distantes e crepitantes dos pregadores de domingo, pela tagarelice dos anunciantes, pelas músicas das *big bands*, pelos primórdios do *rock 'n' roll* e pelas radionovelas. É o som do mundo lá fora a tentar chegar até nós, à nossa pequena cidade e, ainda mais perto, ao nosso universo hermeticamente fechado aqui no número 87 de Randolph Street. Depois de voltarem à vida, todos os artigos

serão vendidos a cinco dólares nos acampamentos de migrantes que, mal chega o verão, nascem em todas as plantações na orla do nosso distrito. O «homem do rádio» está a chegar. É assim que o meu avô é conhecido entre a população migrante, maioritariamente negra, vinda do Sul, que todos os anos chega de autocarro para as colheitas nas zonas rurais de Monmouth County. A minha mãe leva o meu avô, com a sua cabeça avariada pelo AVC, pelas estradas de terra das quintas até às cabanas lá no fundo onde se continua a viver como no tempo da grande seca dos anos trinta, para ele poder fazer negócio com «os pretos» nos seus miseráveis acampamentos. Fui com eles uma vez e ia morrendo de medo, ao ver-me rodeado ao anoitecer por todos aqueles rostos negros exaustos. As relações entre raças, que nunca correram muito bem em Freehold, virão a explodir dez anos mais tarde, por entre tumultos e tiroteios, mas, naquela altura, há apenas uma calma estável e desconfortável. Eu sou apenas o neto e o protegido do «homem do rádio», aqui, entre os seus fregueses, onde a minha família tenta arranjar uns trocos para esticar o dinheiro até ao fim do mês.

Éramos quase pobres, embora eu não me sentisse obrigado a pensar no assunto. Tínhamos roupa, comida e cama. Eu tinha amigos brancos e negros que viviam em condições bem piores. Os meus pais trabalhavam, a minha mãe como secretária numa firma de advogados e o meu pai na Ford. A nossa casa era velha e, dali a pouco, tornar-se-ia visivelmente decrépita. O fogão a que-rosene da sala era a única coisa que tínhamos para aquecer a casa toda. No andar de cima, onde toda a família dormia, acordávamos nas manhãs de inverno e víamos a nossa respiração. Uma das minhas primeiras recordações da infância é o cheiro a que-rosene e o meu avô, de pé, a encher o depósito na parte de trás do fogão. A comida era feita na cozinha, num fogão a carvão; quando era pequeno, costumava disparar a minha pistola de água na superfície de ferro do fogão, quando estava quente, para ver o vapor a subir.

Costumávamos levar as cinzas, pela porta das traseiras, para o «monte das cinzas». Todos os dias, eu chegava a casa pálido, depois de ter estado a brincar nesse monte de cinzas. Tínhamos um frigorífico minúsculo e fomos dos primeiros na cidade a ter televisão. Muitos anos antes de eu ter nascido, o meu avô tinha sido dono da Springsteen Brothers Electrical Shop. Por isso, quando a televisão apareceu, chegou logo à nossa casa. A minha mãe contou-me que vinham vizinhos de todo o quarteirão para verem aquele milagre e assistirem aos programas do Milton Berle, da Kate Smith e ao «Your Hit Parade». Para verem os combates entre o Bruno Sammartino e o Haystacks Calhoun. Aos seis anos, sabia de cor a música do programa da Kate Smith, «When the Moon Comes Over the Mountain».

Nesta casa, devido à ordem dos nascimentos, mas também a outras circunstâncias, eu era ao mesmo tempo senhor, rei e messias. Como fui o primeiro neto, a minha avó agarrou-se a mim para substituir a minha tia Virginia, que tinha morrido. Ninguém me impunha limites. Era uma liberdade terrível para um miúdo e eu aproveitei-a completamente. Com cinco ou seis anos, ficava acordado até às três da manhã e dormia até às três da tarde. Via televisão até ao fim da emissão e, depois, ficava sozinho a ver a mira técnica, de olhos esbugalhados. Comia o que queria às horas que queria. Eu e os meus pais tornámo-nos familiares distantes, e a minha mãe, no meio da confusão e levada pelo seu desejo de manter a paz, foi-me entregando ao domínio total da minha avó. Tornei-me um pequeno tirano tímido que rapidamente concluiu que as regras eram para os outros, pelo menos até o meu pai chegar a casa. Era o senhor absoluto da cozinha, com o seu ar taciturno, um monarca destronado pelo seu filho varão por insistência da sua própria mãe. A nossa casa em ruínas, as minhas excentricidades e o poder que eu tinha com aquela idade envergonhavam-me e constrangiam-me. Via que o resto do mundo funcionava segundo outras regras e era constantemente criticado pelos meus hábitos

pelos meus amigos do bairro. Adorava o meu poder, mas sabia que não estava certo.

Quando cheguei à idade de ir para a escola e tive de obedecer a um horário, nasceu em mim uma raiva interior que durou a maior parte da minha vida de estudante. A minha mãe sabia que há muito tempo que todos nós devíamos ter mudado de rumo e, justiça lhe seja feita, tentou resgatar-me. Mudámo-nos de casa da minha avó para uma casa estilo *shotgun* no número 39 ½ de Institute Street. Sem água quente, com quatro divisões minúsculas e a quatro ruas de distância da casa dos meus avós. A minha mãe tentou estabelecer algumas regras normais. Mas era demasiado tarde. Em vez de quatro ruas, até podia ser um milhão de quilómetros. Eu estava a rugir de raiva, de sensação de perda, e, sempre que podia, voltava para casa dos meus avós. Era a minha verdadeira casa e, para mim, eles eram os meus verdadeiros pais. Não queria — nem ia — sair dali.

Entretanto, a casa passara a funcionar na sala. O resto dos quartos, abandonados e com a mobília tapada, estavam a cair. Havia apenas uma casa de banho, por onde entrava o frio e o vento, mas sem banheira. Os meus avós deixaram-se cair num estado de falta de cuidados e de higiene que me chocava e repugnava. Lembro-me da roupa interior encardida da minha avó, acabada de lavar e estendida na corda no pátio das traseiras — um susto e uma vergonha, pois, para mim, eram símbolos de intimidades, físicas e emocionais, que considerava impróprias, mas que tornavam a casa dos meus avós tão confusa e irresistível. Eu adorava-os e adorava aquela casa. A minha avó dormia num sofá de molas velho e eu dormia aconchegado ao lado dela, enquanto o meu avô tinha um pequeno catre do outro lado da sala. E era isto. Era nisto que tinha dado a ausência de limites da minha infância. Era aqui que eu precisava de estar para me sentir em casa, seguro e amado.

O poder hipnótico desta casa em ruínas e destas pessoas prendeu-me para sempre. Hoje em dia, visito-as nos meus sonhos,

regressando aqui vezes sem conta, desejoso de voltar para sempre. Foi um sítio onde senti uma segurança infinita, uma enorme liberdade e um amor incondicional terrível e inesquecível. Destruíu-me, mas também fez de mim a pessoa que sou. Destruíu-me, porque tenho passado o resto da vida a tentar estabelecer limites a mim próprio para que na minha vida possam existir relacionamentos com alguma normalidade. Fez de mim a pessoa que sou no sentido em que me fez passar a vida à procura de um sítio «especial» só meu e me despertou um desejo doloroso que me conduziu inexoravelmente à minha música. Foi com um esforço desesperado e de toda uma vida que consegui reconstruir, sobre as cinzas da memória e da saudade, o meu próprio templo de segurança.

Por amor à minha avó, abandonei os meus pais, a minha irmã e muitas das coisas que o mundo teria para me oferecer. E, depois, esse meu mundo desabou. Os meus avós adoeceram. A minha família mudou toda para outra casa, no número 68 de South Street. Passado pouco tempo, nasceu a minha irmã mais nova, a Pam, o meu avô morreu, e a minha avó descobriu que tinha cancro em estado terrivelmente avançado. A minha casa, o meu pátio das traseiras, a minha árvore, a minha terra, o meu abrigo estavam condenados. O terreno acabou por ser vendido para fazer um parque de estacionamento para a igreja católica de Santa Rosa de Lima.

TRÊS

A IGREJA

Havia um caminho que podíamos fazer de bicicleta, que contornava a igreja e a casa paroquial, passava pelas traseiras do convento e continuava pelo maravilhoso passeio de lajes azuladas das freiras. As extremidades ligeiramente salientes das lajes faziam vibrar os punhos do guiador, projetando nas nossas mãos uma espécie de pulsação — pum, pum, pum — e depois dávamos outra vez a mesma volta. Passávamos as tardes sonolentas a serpentear pelas casas que pertenciam à igreja de Santa Rosa, com as freiras a ralharem connosco e a mandarem-nos para casa pelas janelas do convento, e a desviarmos-nos de gatos vadios que vagueavam entre a cave da igreja e a sala de estar da minha casa. O meu avô, que por essa altura já não tinha grande coisa para fazer, passava o tempo no pátio das traseiras a chamar pacientemente aqueles seres selvagens para junto dele. Conseguia aproximar-se de gatos ferozes que não aceitariam a presença de nenhum ser humano, e até os domesticava. Às vezes, pagava um preço bem caro. Uma noite chegou a casa a sangrar, com um arranhão de mais de trinta centímetros num braço feito por um «gatinho» que ainda não estava preparado para receber o amor dele.

Os gatos deambulavam entre a nossa casa e a igreja, da mesma forma que nós deambulávamos entre a escola, a nossa casa, a missa e outra vez a escola, mantendo as nossas vidas indissociavelmente ligadas à vida da igreja. A princípio, os padres e as freiras eram apenas rostos meigos a espreitarem para dentro dos carros, todos cheios de sorrisinhos e mistérios agradáveis, mas, quando entrei

para a escola, fui empurrado para as tenebrosas assembleias da comunhão. Chegou o incenso, os homens crucificados, o dogma que era uma tortura memorizar, a Via Sacra das sextas-feiras (os trabalhos de casa!), os homens e mulheres de vestes pretas até aos pés, o confessional com a sua cortina e a janela de correr, a expressão sombria do padre e o desfiar das transgressões da infância. Quando penso nas horas que passei a conceber uma lista de pecados aceitáveis que pudesse disparar mal recebesse a ordem... Tinham de ser suficientemente maus para serem credíveis... mas não demasiado maus (o melhor ainda estava para vir!). Que pecados é que uma criança da segunda classe podia cometer? A certa altura, deixei de conseguir aguentar o sagrado ajuste de contas com Santa Rosa de Lima de segunda a domingo. Só queria que me tirassem dali! Mas para onde? Não havia saída possível. Era ali que eu vivia! Que todos nós vivíamos. Toda a minha tribo. Estávamos abandonados na ilha desértica daquela esquina, todos no mesmo barco. Um barco que, como me ensinaram os meus catequistas, está eternamente no mar, com a morte e o Dia do Juízo Final a serem partilhados por um labirinto de questões metafísicas intransponíveis, perdido numa confusão sagrada.

E por isso... construí o meu outro mundo. Um mundo de resistência infantil, um mundo de recusa passiva interior, a minha defesa contra «o sistema». Era a recusa de um mundo onde não era reconhecido, segundo a visão da minha avó e a minha própria, por aquilo que era, um pequeno rei perdido, diariamente obrigado a exilar-se do seu império. Da casa da minha avó! Para aquela gente pretensiosa, eu era mais um miúdo mimado que se recusava a adaptar-me àquilo que, em última análise, todos teríamos de nos adaptar, o reino apenas-circunstancialmente-teísta das... COISAS QUE SÃO COMO SÃO! O problema é que eu não sabia, nem queria saber, «como é que são as coisas». Eu vinha da terra exótica das... COISAS COMO EU GOSTO QUE SEJAM. Ficava mesmo ali ao cimo da rua. O melhor era mesmo *ir para CASA!*

Por muito que quisesse, por muito que me tentasse, esse conceito de «as coisas são o que são» escapava-me. Tentava desesperadamente encaixar-me nesse mundo, mas a excessiva liberdade que me era dada pelos meus avós transformara-me num rebelde involuntário, num miúdo inadaptado, estranho e medroso. Tinha-me afastado, continuava a afastar-me e, do ponto de vista social, era um verdadeiro sem-abrigo... aos sete anos de idade.

Os meus colegas da escola eram, em geral, pessoas de bom coração. Mas havia alguns que eram malcriados, agressivos e antipáticos. Foi aí que fui vítima do *bullying* que todos os aspirantes a estrelas de *rock* têm de aguentar num silêncio raivoso, cruel e humilhante, a terrível solidão de estar encostado ao muro da escola, enquanto o mundo gira à nossa volta, para lá de nós e a rejeitar-nos ostensivamente, combustível para o fogo que há de vir. Em breve, tudo isto arderá, e o mundo irá voltar-se de pernas para o ar... mas, por enquanto, ainda não.

Por outro lado, as meninas, chocadas por descobrirem entre elas um sonhador tímido e de coração mole, invadiram o território da minha avó para cuidarem de mim. Acabei, assim, por criar um pequeno harém, que me apertava os sapatos, fechava o casaco e me enchia de atenções. É uma coisa que todos os «meninos da mamã» italianos sabem fazer muito bem. Nestes casos, a rejeição por parte dos rapazes é uma marca de sensibilidade, que pode funcionar como um trunfo escondido para usufruir dos privilégios dos jovens *geeks*. Claro que, alguns anos depois, quando o sexo começou a levantar a cabeça, acabei por perder esse meu estatuto especial e tornei-me em mais um falhado, entre muitos, mas com boas maneiras.

Os próprios padres e as freiras são seres com uma grande autoridade e com uma aura de mistério sexual irreconhecível. Sendo meus vizinhos de carne e osso e a nossa ponte local para a outra vida, exerciam uma forte influência na nossa existência diária. Quer na dimensão do quotidiano, quer numa dimensão transcendental, eram os porteiros de bairro de um mundo escuro

e beatífico que eu temia e onde desejava entrar. Era um mundo onde tudo o que tínhamos estava em risco, um mundo repleto de bênçãos desconhecidas, como a ressurreição e eternidade, mas também dos fogos intermináveis da perdição, de uma tortura cheia de pinceladas sexuais, de concepções imaculadas e milagres. Um mundo onde os homens se transformavam em deuses e os deuses em demónios... e eu sabia que esse mundo era real. Tinha visto deuses transformarem-se em demónios em minha casa. Tinha visto à minha frente o que, de certeza, era a face possessiva de Satanás. Era o pobre do meu pai a destruir a casa em acessos de raiva incendiados pelo álcool pela calada da noite e nós todos a morrermos de medo. Tinha sentido esta força final das trevas a visitar-nos sob a forma da ira do meu pai... ameaças físicas, caos emocional e o poder de *não* amar.

As próprias freiras de Santa Rosa também conseguiam ser bastante brutalizadas, nos anos 50. Certa vez, quando estava no oitavo ano, mandaram-me de castigo para a sala do primeira classe à conta de um disparate qualquer. Sentei-me na pequena carteira e deixaram-me ali em banho-maria. Até estava a achar piada à tarde de folga. Então, reparei no reflexo de uns botões de punho a dançar na parede com o sol. Segui a luz distraído à medida que ela trepava pela janela em direção ao teto. De repente, ouvi a freira dizer a um marrãozinho gorducho sentado ao meio da primeira fila: «Mostre ao nosso convidado o que é que fazemos na turma a quem não estiver com atenção.» O pequeno pupilo atravessou a sala com uma expressão vazia no rosto e, sem pestanejar, pregou-me uma estalada na cara com toda a força da sua pequena mão rechonchuda. Ainda a ouvir o eco na sala em silêncio, eu mal conseguia acreditar no que tinha acontecido. Tinha a cara vermelha, mais por causa do choque e da humilhação do que do tabefe.

Nada que eu devesse estranhar, no entanto. Ao longo da primária, já me tinham batido com a régua nos nós dos dedos ou puxado

a gravata até sufocar; já me tinham dado carolos e enfiado de castigo num armário ou na lata do lixo enquanto diziam que aquele era o meu lugar. Tudo bastante normal para uma escola católica nos anos 50. Ainda assim, deixou-me um amargo de boca que acabou por me afastar definitivamente da minha religião.

Na escola, mesmo que conseguíssemos escapar incólumes às agressões, o catolicismo apoderava-se de nós até aos ossos. Eu era um menino do coro que acordava na sagrada escuridão das quatro da manhã, percorria as ruas gélidas do inverno, vestia a minha batina no silêncio da sacristia ao amanhecer e cumpria os rituais na casa de Deus, no altar de Santa Rosa, onde não podiam entrar pessoas à civil, onde respirava incenso, enquanto ajudava o nosso monsenhor rezingão, de oitenta anos, perante um público devoto de familiares, freiras e pecadores madrugadores. Mas demonstrava uma tal inaptidão para decorar os movimentos e estudar as minhas frases em latim que inspirei o nosso monsenhor a agarrar-me pelos colarinhos da batina, numa certa missa às seis da manhã, e a esfregar-me a cara no altar, para consternação e espanto de toda a gente. Nessa tarde, no recreio, a irmã Charles Marie, minha professora do quinto ano, que tinha assistido à agressão, ofereceu-me uma pequena medalha de um santo. Foi um gesto que nunca esqueci. Durante os anos em que andei na escola de Santa Rosa, tinha sentido a tensão física e emocional do catolicismo, num nível mais do que suficiente. No dia em que concluí o oitavo ano, afastei-me de tudo aquilo, sem aguentar mais, dizendo para mim próprio: «Nunca mais.» Estava livre, livre, finalmente livre... E acreditei nisso... durante algum tempo. No entanto, à medida que os anos iam passando, havia certas coisas na forma como pensava, reagia e agia que me levaram a perceber, contrariado mas ao mesmo tempo divertido, que, quando se é católico, é-se católico para toda a vida. E, por isso, deixei de me enganar. Não participo ativamente na minha religião, mas sei que algures... lá no fundo... ainda faço parte da equipa.

Foi neste mundo que descobri os primeiros acordes da minha canção. No catolicismo, havia uma poesia, um perigo e uma escuridão que refletiam a minha imaginação e o meu eu interior. Descobri uma terra de uma beleza enorme e agreste, de histórias fantásticas, de castigos inimagináveis e recompensas infinitas. Era um lugar glorioso e patético, para o qual eu tinha sido formatado ou onde me encaixara naturalmente. Tem-me acompanhado ao longo da vida como um sonho acordado. E, por isso, ainda durante a juventude, tentei que fizesse sentido para mim. Tentei corresponder aos seus desafios pelas mesmas razões pelas quais existem almas perdidas e um reino de amor a conquistar. Tentei pôr tudo o que tinha absorvido nas vidas difíceis da minha família, dos meus amigos e dos meus vizinhos. Transformei-o em algo com que conseguia lidar, que conseguia compreender, algo em que até tinha fé. Por muito estranho que possa parecer, tenho uma relação «pessoal» com Jesus. Ele continua a ser um dos meus pais, apesar de, tal como acontece com o meu próprio pai, eu já não acreditar no seu poder divino. Acredito profundamente no seu amor, na sua capacidade de salvar... mas não de condenar. Disso... fiquei farto.

Para mim, comemos mesmo a maçã. Adão, Eva, o rebelde Jesus, em toda a sua glória, e Satanás fazem todos parte do plano de Deus para fazer de nós homens e mulheres, para nos oferecer as dádivas preciosas da terra, da sujidade, do suor, do sangue, do sexo, do pecado, da bondade, da liberdade, do cativo, do amor, do medo, da vida e da morte... da nossa humanidade e de um mundo só nosso.

Os sinos da igreja tocam. O meu clã sai das suas casas e sobe apressadamente a rua. Alguém vai casar-se, ser enterrado ou nascer. Alinhamo-nos à frente da igreja, à espera, eu e a minha irmã a apANHARMOS flores ou arroz do chão que guardaremos em sacos de papel para atirar num outro dia a pessoas que não conhecemos. A minha mãe está entusiasmada, com o rosto a brilhar. Música de órgão, as portas de madeira da igreja a abrirem-se, uns noivos a saírem já casados. Ouço a minha mãe suspirar: «Oh, o vestido... que lindo!»

A noiva atira o ramo. O futuro está traçado. A noiva e o seu herói são levados na sua enorme limusina preta, que vai deixá-los à porta da sua nova vida. Na esquina está um outro carro a espreitar, à espera do dia em que, entre lágrimas, alguém será transportado na curta viagem entre Throckmorton Street e o cemitério de Santa Rosa, à saída da cidade, onde, nos domingos de primavera, enquanto outros visitam ossos, caixas e montes de terra, eu e a minha irmã corremos felizes, a brincar por entre as lápides. De regresso à igreja, o casamento já acabou e dou a mão à minha irmã. Com nove ou dez anos, já assistimos àquilo muitas vezes. Arroz ou flores a voarem de um lado para o outro, o céu ou o inferno, aqui na esquina da Randolph com a McLean, ninguém escapa.

QUATRO

OS ITALIANOS

Há sempre uma onda contagiante de energia a emergir das bocas e dos corpos minúsculos de Dora Kirby, Eda Urbellis e Adele Springsteen. A minha mãe e as suas duas irmãs passaram pelo melhor e pelo pior das suas vidas, que, no total, somaram mais de 260 anos a gritar, rir, chorar e dançar. Sem parar. A insanidade de alta voltagem do seu marxismo (o dos Irmãos) estava constantemente no limite de um estado de histeria dificilmente controlado. De certa forma, isto tornou-as não só quase imortais, mas triunfantes. Casadas com irlandeses, sobreviveram todas aos maridos, à guerra, às tragédias, à pobreza iminente, mantendo-se indomáveis, invencíveis, imparáveis e otimistas para além do imaginável. São «AS MAIORES». Três mini-Muhammad Alis num combate permanente contra o mundo.

Aqui na Costa, é frequente italianos e irlandeses conviverem e até acasalarem. A cidade costeira de Spring Lake é conhecida localmente como a «Riviera Irlandesa». Nos domingos de verão, ainda se veem lá homens sardentos e de pele clara a emborcarem cervejas e a ficarem vermelhos como lagostas por entre a rebentação fronteiriça às suas casas vitorianas, que continuam a dar estilo e substância à sua comunidade. A alguns quilómetros para norte encontra-se Long Branch, New Jersey, onde outrora viveu Anthony «Little Pussy» Russo, vizinho da minha mulher, Patti Scialfa, em Deal, e onde para a máfia de Central Jersey. As suas praias estão cheias de belezas de pele cor de azeite, de maridos pançudos e do sotaque acentuado de Jersey dos meus irmãos e irmãs italianos a pairar no ar misturado com o fumo dos charutos. Não era preciso ir mais longe para arranjar o elenco para os *Sopranos*.

O meu avô tinha a alcunha de «Holandês». Devia ser descendente de alguns holandeses que se perderam e vieram de Nova Amsterdão para aqui, sem saberem no que se estavam a meter. Por isso, adotámos o apelido Springsteen, de origem holandesa, mas o que predomina aqui é a mistura de sangue irlandês e italiano. Porquê? Antes de os mexicanos e os afro-americanos fazerem as colheitas em Monmouth County, os italianos foram os primeiros a trabalhar nos campos com os irlandeses. Há pouco tempo, perguntei à minha mãe como é que acabaram todas por se casar com irlandeses e ela respondeu: «Os italianos eram muito mandões. Estávamos fartas disso. Não queríamos homens que andassem sempre a atazanar-nos.» Claro que não queriam. Se alguém mandasse em alguém, seriam as irmãs Zerilli a mandar, ainda que de forma algo sub-reptícia. A minha tia Eda disse-me: «O nosso pai queria ter três filhos, mas, em vez disso, teve três filhas e, por isso, criou-nos como se fôssemos rapazes.» Acho que, em parte, isso explica a força delas.

Quando era pequeno, quando voltava para casa depois de jantar em casa da minha tia Dora, estava sempre exausto e com os ouvidos a zumbir. Nas ocasiões em que o jantar servia para celebrar qualquer coisa, ficávamos com a vida nas nossas mãos: comíamos até mais não poder, cantávamos e gritávamos até ficarmos surdos e dançávamos até cairmos para o lado. E agora que estão todas a chegar aos noventa, continuam a ser assim. Onde é que isto veio? Qual é a fonte da sua energia e do seu otimismo inesgotáveis? Que espécie de poder terá sido sugado dos planetas até ao ínfimo dos seus pequenos ossos italianos? Quem desencadeou tudo isto?

O nome dele era Anthony Alexander Andrew Zerilli. Chegou à América no princípio do século, vindo de Vico Equense, perto de Nápoles, no Sul da Itália, com apenas doze anos. Começou por se fixar em São Francisco e, depois, foi avançando para leste, tirando o curso de Direito no City College e montando o seu escritório de advogado no número 303 de West Forty-Second Street, Nova Iorque. Era o meu avô. Esteve três anos na Marinha, teve três mulheres,

passou três anos na prisão de Sing Sing por desfalque (ao que consta, levando com as culpas de um familiar). Acabou no alto de uma colina verdejante em Englishtown, New Jersey. Tinha algum dinheiro. Tenho fotografias da minha mãe com a família em Newport, Rhode Island, nos anos trinta, todos vestidos de um branco impecável. Foi à falência na prisão. A mãe desapareceu em Brooklyn, abandonando a minha mãe e as irmãs, na altura adolescentes, obrigando-as a viver sozinhas e a fazer pela vida na quinta onde cresceram.

Quando eu era pequeno, aquela casa modesta era, para mim, uma mansão no alto de uma colina, uma cidadela de abundância e cultura. O meu avô tinha quadros, dos bons. Colecionava arte sacra, roupões e mobiliário antigo. Tinha um piano na sala de estar. Viajava, tinha um ar bastante mundano e um pouco dissoluto. Era baixo, tinha o cabelo grisalho e umas olheiras enormes por baixo dos seus grandes olhos castanhos, e uma voz tonitruante de barítono que, quando dirigida a uma pessoa, trazia com ela o temor a Deus. Sentava-se muitas vezes, como um velho príncipe italiano, no seu escritório, numa cadeira que parecia um trono. A sua terceira mulher, Fifi, sentava-se a fazer malha na outra ponta da sala. Sempre impecavelmente vestida, maquilhada e tão perfumada que podia fazer-nos desmaiar, depositava-me sempre na cara um beijo enorme e muito carinhoso, cheio de batom vermelho, sempre que os visitávamos. Até que chegava, vindo do trono, um «Br» infinito, com um «a» enfático lá no meio, que ia descendo até ao «u», aflorando depois o «ce»: «BAAAARRRRUUUUUUUUUUUCE... Vem cá!» Eu sabia o que vinha a seguir. Tinha um dólar numa mão. Dava-mo todos os domingos, mas eu tinha de ir buscá-lo. E era preciso aguentar o que ele tinha na outra mão: o «beliscão da morte». Quando ia buscar o dólar, ele agarrava-me com a outra mão e beliscava-me a bochecha com o polegar e o primeiro nó do indicador. Primeiro, era o beliscão que até fazia vir as lágrimas aos olhos, e, a seguir, uma torção lenta para cima, que rapidamente dava lugar a um apertão no sentido oposto. (Por esta altura,

já estava a gemer.) Por fim, soltava-me, com um pequeno empurrão cheio de floreios, terminando com um estalar dos dedos, acompanhado por uma sonora gargalhada, «ALGUM PROBLEMA, BAAAARRRRUUUUUCE...?» A seguir, o dólar.

Ao domingo, ao jantar, reunia a corte, gritando, dando ordens, discutindo os acontecimentos do dia, com a voz no volume máximo. Era um espetáculo. Podia haver quem o achasse autoritário, mas, para mim, aquele homenzinho italiano era um *gigante*! Havia qualquer coisa que lhe dava um ar grandioso, importante, diferente da tribo de homens passivos-agressivos, desorientados e perdidos que povoaram grande parte do resto da minha vida. Era uma força da natureza napolitana! Por isso, que mal tinha que ele se metesse em confusões? O mundo real estava cheio de problemas e, se quiséssemos alguma coisa, se a desejássemos muito, era melhor estarmos preparados para isso. Era melhor estarmos preparados para exigirmos o que era nosso, sem abrímos mão, porque «eles» não nos dariam nada de graça. Era preciso arriscar... e pagar. A sua paixão pela vida, a intensidade da sua presença, o seu empenho no dia a dia e o seu domínio sobre a família faziam dele uma figura masculina única na minha vida. Era excitante, assustador, teatral, gabarolas... como uma estrela de *rock*! Fazia de si próprio um mito. Mas, mal saíamos da casa no alto da colina, mal púnhamos o pé no passeio, ERAMAS MULHERES QUE MANDAVAM! Permitiam que os homens tivessem a ilusão de que eram eles que davam as ordens, mas bastava uma observação muito superficial para se perceber que eles não aguentavam. Os irlandeses precisavam da MAMÃ! O Anthony, no alto da sua colina, precisava da Fifi, a brasa maternal! Havia uma grande diferença.

O Anthony tinha-se separado de Adelina Rosa, a sua primeira mulher graças a um casamento arranjado quando ainda estavam ambos na casa dos vinte. Ainda jovem, tinham-na mandado de Sorrento para os Estados Unidos para ser uma noiva ao estilo do Velho Continente. Viveu mais de oitenta anos nos Estados Unidos

e nunca disse uma frase em inglês. Entrar no quarto dela era entrar na Velha Itália. Os terços e rosários, as fragrâncias, os artigos religiosos, as colchas, o sol poente a refletir um outro lugar e um outro tempo. Tenho a certeza de que, infelizmente, ela fez o papel de Maddona para as outras namoradas do Anthony.

A minha avó sofreu muito com o divórcio, nunca se tornou a casar e foi-se afastando do mundo. Durante muito, muito tempo, ela e o Anthony não voltaram a estar no mesmo espaço. Nem nos funerais, nem nos casamentos, nem nos encontros de família. Aos domingos, depois da missa, quando eu ia visitar a minha tia Dora, lá estava ela, com a rede no cabelo, com o xaile, com o seu cheiro exótico, a cozinhar deliciosos pratos italianos. Cumprimentava-me a sorrir, com beijos e abraços, e a murmurar bênçãos em italiano. Até que, um dia, a Fifi morreu lá no alto da colina.

E, sessenta anos depois de se terem divorciado, o Anthony e a Adelina voltaram a juntar-se. Ao fim de sessenta anos! Viveram juntos na sua «mansão» durante dez anos, até o Anthony morrer. Depois da morte do meu avô, no verão, eu costumava ir de bicicleta de Colts Neck a Englishtown para a visitar. Normalmente estava sozinha, e sentávamo-nos na cozinha, a conversar, numa mistura de mau inglês e italiano. Ela dizia que só tinha voltado para o antigo marido para proteger a herança dos filhos... talvez fosse verdade. Morreu em paz e na posse de todas as suas faculdades aos cento e um anos, depois de ter assistido à invenção do automóvel, depois do avião e de ter visto o homem pisar a Lua.

A casa do Anthony e da Adelina no alto da colina manteve-se num estado de animação suspensa durante vinte e cinco anos. Quando lá entrei, já com cinquenta anos, estava exatamente igual ao que fora, quando eu tinha oito anos. Para as irmãs... era um terreno sagrado. Por fim, o meu primo Frank, o campeão de *jitterbug*, que me ensinou a tocar os primeiros acordes na guitarra e cujo filho, Frank Jr., tocou comigo na Sessions Band, mudou-se para lá com a família, tornando a encher a casa de crianças e comida italiana.

O poder do «beliscão da morte» passou para a minha tia Dora, que o adaptou para uma versão própria, o «apertão maldito». Aquela senhora italiana de 90 anos, com pouco mais de um metro e meio de altura, conseguia arrancar-nos o pescoço ou dar um pontapé no rabo do Randy «Macho Man» Savage, se alguém cometesse a loucura de se baixar para lhe dar um beijo. Embora já não tenha medo do «beliscão da morte» do meu avô, ainda há muitas noites em que, por volta das oito e meia, o Anthony ganha vida... quando as luzes da sala se apagam, a cortina atrás do palco se abre e ouço aquele longo «BAAAARRRRUUUUUUUCE».

Trabalho, fé, família: é este o credo italiano que me foi passado pela minha mãe e pelas suas irmãs. Vivem segundo ele. Acreditam nele. Acreditam nele, apesar de estes mesmos dogmas as terem desapontado terrivelmente. Rezam segundo ele, nunca num tom estridente, e têm a certeza de que é tudo o que temos entre a vida, o amor e o vazio que devora maridos, filhos, familiares e amigos. Há uma força, um medo e uma alegria desesperada neste espírito forte e nesta alma que perpassou naturalmente a minha obra. Nós, os italianos, continuamos a andar até já não haver mais caminho; mantemo-nos fortes até os nossos ossos cederem; agarramo-nos àquilo que conseguimos até os nossos músculos estarem cansados; dançamos, gritamos e rimos até já não podermos mais, até ao fim. É esta a religião das irmãs Zerilli, transmitidas pelas duras lições do *Papa* e pela graça de Deus, e pelas quais todos os dias nos sentimos gratos.

CINCO

OS IRLANDESES

Na minha família havia tias que uivavam durante as reuniões familiares; primos que abandonavam a escola no sexto ano e se enfiavam em casa, sem nunca mais de lá saírem; e homens que arrancavam cabelos e pelos do corpo, deixando grandes peladas, tudo no nosso pequeno quarteirão. Em criança, tudo aquilo era simplesmente misterioso, embaraçoso e normal para mim. Tinha de ser. Eram as pessoas que eu amava.

Éramos muito atormentados. As pessoas da minha família que vieram da Ilha Esmeralda traziam já no seu sangue muitos problemas. A minha trisavó Ann Garrity deixou a Irlanda aos catorze anos, com duas irmãs de 12 e 10 anos, em 1852, ou seja, cinco anos depois de a fome ter devastado grande parte da Irlanda. Na altura, fixou-se em Freehold. Não sei onde começou, mas fomos atingidos por um tipo grave de doença mental que, aparentemente, ia atingindo aleatoriamente um primo, uma tia, um filho, uma avó e, infelizmente, o meu pai.

Não fui completamente justo para com o meu pai nas minhas canções, tratando-o como um arquétipo do pai que negligencia e domina os filhos. Era uma reprodução de *A Leste do Paraíso* com outros atores, uma forma de «universalizar» a experiência da minha infância. Mas a nossa história é muito mais complicada. Não nos detalhes do que aconteceu, mas nas razões por que tudo aconteceu.

O Meu Pai

Para uma criança, os bares de Freehold eram cidadelas de mistério, cheias de magia negra, incertezas e potencial de violência. Uma noite, quando estávamos parados num sinal vermelho em Throckmorton Street, eu e a minha irmã vimos dois homens no passeio em frente do bar local a espancarem-se com uma violência tal que pareciam querer matar-se. Tinham as camisas rasgadas. À volta deles, foram-se juntando mais homens, aos gritos; um dos homens sentou-se em cima do peito do outro, agarrou-o pelos cabelos e deu-lhe uma série de murros na cara. O sangue foi-se amontoando à volta da sua boca, ao mesmo tempo que tentava desesperadamente defender-se, deitado de costas no passeio. A minha mãe disse: «Não olhem.» O semáforo mudou e arrancámos.

Na minha terra natal, quando passávamos para lá das portas de um bar, entrávamos no reino místico dos homens. Nas raras noites em que a minha mãe trazia o meu pai para casa, percorríamos a cidade em marcha lenta até pararmos junto à única porta que estava iluminada. Ela apontava e dizia-me: «Vai lá dentro buscar o teu pai.» Entrar no refúgio público do meu pai enchia-me de emoção e de medo. Tinha sido autorizado pela minha mãe a fazer algo de impensável: interromper o meu pai no seu lugar sagrado. Empurrava a porta, desviando-me dos homens gigantesco que se encaminhavam para a saída. Dava-lhes, no máximo, pela cintura e, por isso, quando entrava no bar, sentia-me um João a trepar um pé de feijão até chegar a uma terra de gigantes conhecidos mas, ainda assim, temíveis. À esquerda, junto à parede, havia uma fila de mesas, cheias de combinações secretas, amantes de bar e casais a verem quem bebia mais. Do lado direito ficavam os bancos, preenchidos por uma barricada formada pelas costas largas dos trabalhadores, murmúrios que pareciam trovões, copos a tilintarem, gargalhadas perturbadoras de adultos e muito poucas mulheres. Eu ficava ali parado, a engolir o cheiro obscuro a cerveja, álcool, *blues* e *after-shave*;

não havia nada no mundo exterior da minha casa que cheirasse remotamente assim. Quase toda a gente bebia *Schlitz* ou *Pabst Blue Ribbon*, com o símbolo azul da *Blue Ribbon* preso à torneira, da qual o empregado tirava habilmente o elixir dourado para copos inclinados que eram depois postos com uma pancada seca sobre o balcão de madeira. E eu ali, um pequeno espírito a lembrar àqueles homens aquilo que muitos deles estavam a tentar esquecer por um momento — trabalho, responsabilidade, família, as bênçãos e os fardos da vida adulta. Quando penso nisso, vejo uma mistura maioritariamente de tipos normais que apenas precisavam de relaxar um pouco ao fim de uma semana de trabalho e de uns quantos outros, movidos por coisas mais difíceis, que não sabiam onde estabelecer o limite.

Por fim, havia alguém que reparava no pequeno intruso que estava no meio deles e que, por entre risos, me levava até ao meu pai. Do topo da minha altura, via o banco, uns sapatos pretos, umas meias brancas, as calças de trabalho, as coxas e pernas fortes, o cinto das ferramentas e, depois, o rosto, ligeiramente pálido e deformado pelo álcool, a espreitar por entre o fumo do tabaco, ao ouvir-me pronunciar as imortais palavras: «A Mamã quer que vás para casa.» Não era apresentado aos amigos, não me fazia uma festa na cabeça, não havia a mais pequena entoação de ternura na sua voz nem nenhuma remexidela no cabelo. Apenas: «Vai lá para fora que eu já vou.» Eu seguia o meu trilho de migalhas até sair porta fora e sentir o ar fresco da noite e da minha cidade, estranhamente agradável e hostil. Percorria o passeio e sentava-me no banco de trás, dizendo à minha mãe: «Ele vem já.»

Eu não era o cidadão preferido do meu pai. Quando era pequeno, achava que os homens eram assim mesmo, distantes, não-comunicativos, sempre ocupados com as oscilações do mundo dos adultos. Quando somos pequenos, não questionamos as escolhas dos nossos pais. Aceitamo-las e pronto. São justificadas pelo estatuto quase divino da paternidade. Se não falam connosco,

é porque não merecemos que nos dediquem esse tempo. Se não nos cumprimentam com amor e afeto, é porque não merecemos. Se somos ignorados, é porque não existimos. Controlar o nosso comportamento é a única carta que podemos jogar com a esperança de modificarmos o comportamento deles. Talvez tenhamos de ser mais duros, mais fortes, mais atléticos, mais espertos, melhores em qualquer coisa... quem sabe? Certa vez, ao serão, o meu pai quis dar-me lições de boxe na sala de estar. Sentia-me lisonjeado e excitado com a atenção dele e desejoso de aprender. Estava a correr bem. Até que ele me deu uns tabefes na cara, com a mão bem aberta e com um bocado de força a mais. Doe-me; não fiquei com marcas, mas havia um limite que tinha sido ultrapassado. Sabia que ele estava a comunicar-me qualquer coisa. Tínhamos escorregado para a obscura terra de ninguém entre pai e filho. Senti o que estava a ser dito: eu era um intruso, um desconhecido, um adversário dentro da nossa casa e caí desamparado. Ele foi-se embora, com nojo de mim.

Quando o meu pai olhava para mim, não via o que precisava de ver. Era esse o meu crime. O meu melhor amigo na vizinhança era o Bobby Duncan. Todos os sábados à noite, ia de carro com o pai até ao Wall Stadium para assistir às corridas de *stock cars*. Às cinco em ponto, ouvia-se uma ordem para acabarmos o que quer que estivéssemos a fazer e às seis, logo a seguir ao jantar, ele descia a correr os degraus da sua casa, a terceira a contar da minha, com uma camisa engomada, o cabelo com *Brylcream*, seguido pelo pai. Metiam-se no *Ford* e partiam em direção ao Wall Stadium... esse paraíso de pneus a chiarem e alto índice de octanas, onde as famílias se juntavam a apoiar os loucos das redondezas que, em carros de aço construídos nas suas garagens, descreviam círculos e círculos tresloucados ou se esmagavam uns contra os outros no meio do campo em concursos semanais de demolição. Para a demonstração, bastava um capacete de futebol e uma coisa que estivéssemos dispostos a destruir para tomarmos lugar entre os eleitos...

Wall Stadium, esse sítio cheio de fumo e de cheiro a borracha queimada, onde as famílias se uniam com um objetivo comum e as coisas corriam segundo a vontade de Deus. Eu estava exilado do amor do meu pai e daquele paraíso de carrões!

Infelizmente, o desejo do meu pai de interagir comigo chegava quase sempre depois do ritual religioso noturno do «sagrado pack de cervejas». Cervejas, uma a seguir às outras, na escuridão total da nossa cozinha. Era sempre nessa altura que ele queria ver-me e acontecia sempre o mesmo. Alguns momentos de falsa preocupação parental pelo meu bem-estar e, a seguir, a verdade vinha ao de cima: a hostilidade e a raiva crua contra o filho, o único outro homem da casa. Era uma pena. Ele adorava-me, mas não me suportava. Sentia que disputávamos o afeto da minha mãe. E era verdade. Mas também via em mim muito dele. O meu pai andava sempre com a roupa de trabalho; era forte e, em termos físicos, um gigante. Nos últimos anos de vida, lutou muitas vezes contra a morte. Mas, lá dentro, para lá daquela raiva enorme, havia gentileza, timidez, vergonha e a insegurança própria de um sonhador, todas as características que eu mostrava exteriormente. Vê-las refletidas no seu filho afastava-o de mim. Fazia-o ficar zangado. Era um sinal de «moleza». E ele odiava gente «mole». É claro que ele tinha sido criado num ambiente assim. Era um menino da mamã, tal como eu.

Certa noite, já velhote e doente, quando estávamos sentados à mesa da cozinha, contou-me que, uma vez, tinha sido arrancado de uma cena de pancadaria no pátio da escola. A minha avó tinha ido lá buscá-lo e arrastara-o para casa. Falou-me da humilhação que sentiu e disse, com as lágrimas nos olhos: «Eu estava a ganhar... eu estava a ganhar...» Continuava a não perceber, ao fim de tantos anos, que não podia correr riscos. Era o único filho que restava. A minha avó, no meio da sua confusão, não conseguia aperceber-se de que o seu amor incondicional estava a destruir os homens criados por ela. Disse-lhe que o compreendia, que tínhamos sido

criados pela mesma mulher, durante os anos que mais formavam a nossa personalidade, e que tínhamos passado pelas mesmas humilhações. Mas, nesse tempo, quando a nossa relação era, no mínimo, tempestuosa, essas coisas eram mistérios, que criaram um legado de sofrimento e incompreensão.

Em 1963, nasceu a minha irmã mais nova, a Pam. Eu tinha 13 anos. A minha mãe tinha 36. Naquele tempo, já era tarde para ter filhos. Foi maravilhoso. A minha mãe era um verdadeiro milagre. Eu adorava as roupas de grávida. Eu e a minha irmã Virginia sentávamo-nos na sala, nos últimos meses de gravidez, com as mãos na barriga dela, à espera que a nossa bebé desse um pontapé. Toda a casa foi contagiada pela excitação do nascimento da Pam e a nossa família aproximou-se. Enquanto a minha mãe esteve no hospital, o meu pai tomou conta de nós, queimando o pequeno-almoço, ajudando-nos a vestir-mo-nos para irmos para a escola (mandando-me um dia com uma blusa da minha mãe, o que ia fazendo a Virginia morrer de riso). A casa iluminou-se. As crianças trazem consigo bem-aventurança, paciência, transcendências, segundas oportunidades, renascimento e um reacender do amor que está no nosso coração e presente na nossa casa. São Deus a dar-nos uma segunda hipótese. Os meus anos de adolescente com o meu pai continuaram a não ser bons, mas havia sempre o brilho da minha irmã Pam, a prova viva do amor que existia na nossa família. Eu estava deslumbrado por ela. Estava-lhe imensamente grato. Mudava-lhe as fraldas, embalava-a até ela adormecer, corria para ela sempre que chorava, pegava-lhe ao colo e, assim, criei um laço que se mantém até hoje.

A minha avó, que na altura já estava muito doente, dormia no quarto ao lado do meu. Uma noite, tinha eu 3 anos, a Pam saiu do quarto dos meus pais e, pela única vez na vida, deitou-se na cama da minha avó. Dormiu lá toda a noite, deitada ao lado da minha avó moribunda. De manhã, a minha mãe foi ver como estava a minha avó e viu que estava imóvel. Quando cheguei a casa, depois da escola,

o meu mundo desabou. Nem as lágrimas, nem o desgosto chegavam. Precisava da morte. Precisava de me juntar a ela. Apesar de ser já adolescente, não conseguia imaginar um mundo sem ela. Era um buraco negro, um Apocalipse; já nada tinha significado, a vida tinha-se esgotado. A minha existência tornou-se um enorme vazio. O mundo passou a ser uma fraude, uma sombra de si próprio. As únicas coisas que me salvaram foram a minha irmãzinha e o meu interesse pela música.

Entretanto, as coisas tornaram-se estranhas. O desespero silencioso do meu pai deu lugar a delírios paranoicos. Eu tinha um amigo russo da minha idade que o meu pai achava que era «espião». Vivíamos a poucas ruas de distância do bairro dos porto-riquenhos. O meu pai tinha a certeza de que a minha mãe tinha um caso. Um dia, quando cheguei da escola, ele desatou a chorar, sentado à mesa da cozinha. Disse-me que precisava de alguém com quem falar. Não tinha ninguém. Aos 45 anos, o meu pai não tinha amigos e, devido às inseguranças dele, nunca houve outro homem em casa a não ser eu. Nesse dia, abriu-se comigo. Fiquei chocado, constrangido e estranhamente maravilhado. Ele revelou-se, revelou a confusão que existia nele. Foi um dos grandes dias da minha adolescência. Ele precisava de um amigo, e eu era o único «homem» à altura na cidade. Reconfortei-o o melhor que pude. Tinha apenas 16 anos e nem eu, nem ele, aguentávamos mais. Disse-lhe que tinha a certeza de que não era verdade e que todo o amor e dedicação da minha mãe estavam concentrados nele. E estavam mesmo, mas ele tinha perdido o sentido da realidade e estava inconsolável. Nessa noite, disse pela primeira vez à minha mãe que tínhamos de aceitar o facto de que o meu pai estava muito doente.

As coisas complicaram-se com alguns acontecimentos estranhos à nossa volta. Num sábado à noite, alguém disparou um tiro para o vidro da nossa porta da rua, deixando um buraco perfeito de uma bala, poucos segundos depois de eu ter passado por

ali para ir para a cama. A polícia estava constantemente a aparecer à nossa porta e o meu pai dizia que tinha tido uns problemas no trabalho. Estes acontecimentos foram alimentando os nossos medos e criando um ambiente de grande mal-estar em nossa casa.

A minha irmã Virginia engravidou aos 17 anos e ninguém deu por nada até ao sexto mês de gravidez! No último ano do liceu, abandonou a escola, passou a ter aulas em casa e casou com o namorado e pai do filho, o Mickey Shave. O Mickey era um hispano-americano de Lakewood, arrogante, vestido de cabedal, que montava touros e gostava de andar à pancada, e que acabou por se revelar um bom tipo. No final dos anos 60, participou no circuito de *rodeos* de Jersey até ao Texas. (Muita gente não sabe, mas é em Jersey que decorre o torneio mais antigo de *rodeos* dos Estados Unidos, o Cowtown, e, quando se chega à parte sul do Estado, constatamos que há lá mais *cowboys* do que poderíamos imaginar.) A minha irmã, dotada de uma determinação inabalável, mudou-se para sul, para Lakewood, depois de os problemas começarem a ter consequências, teve um filho lindo e começou a viver a vida de classe operária dos meus pais.

A Virginia, que nunca tinha fervido água, lavado um prato ou varrido o chão, tornou-se uma mulher de fibra. Tinha genica, inteligência, humor e beleza. Em poucos meses, a vida dela mudou completamente. Passou a ser uma trabalhadora à irlandesa. O Mickey trabalhava na construção, foi apanhado pela recessão do final dos anos 70, quando a construção parou em Central Jersey, ficou sem emprego e, mais tarde, começou a trabalhar como porteiro no liceu local. A minha irmã arranjou emprego no K-Mart. Tiveram dois rapazes encantadores e uma menina lindíssima, e agora têm um bando de netos. Ainda tão nova e sozinha, arranjou a força que a minha mãe e as irmãs sempre tiveram. Tornou-se a encarnação viva da alma de Jersey; compus «The River» em homenagem a ela e ao meu cunhado.

SEIS

A MINHA MÃE

A cordo no lusco-fusco da manhã com o som dos passos pesados na escada que dá para o pequeno patamar junto ao meu quarto. Ouço uma porta a ranger, qualquer coisa a chiar, a torneira a abrir-se e, depois, o som da água a correr pelos canos na parede entre o meu quarto e a nossa casa de banho; a seguir, a torneira a rodar e, depois, silêncio, um estalido, o som do plástico sobre a porcelana, o estojo de maquilhagem da minha mãe em cima do lavatório, o tempo a passar... por fim, o ajeitar da roupa de última hora à frente do espelho. São estes os sons que me recebem todas as manhãs, durante a minha adolescência, no número 68 de South Street. São os sons da minha mãe a arranjar-se para ir trabalhar, a preparar-se para se apresentar ao mundo, o mundo exterior, que respeita e onde acredita que tem deveres a cumprir. Para uma criança, aqueles sons representavam mistério, ritual e confiança. Ainda hoje consigo ouvi-los.

O meu primeiro quarto ficava no primeiro andar, na parte de trás da casa, por cima da cozinha. Se me voltasse preguiçosamente na cama para o lado direito e olhasse pela janela, tinha uma visão nítida do meu pai no pátio das traseiras, de manhã, com temperaturas de dez graus negativos, deitado de costas no chão gelado, debaixo de uma das nossas latas velhas, a praguejar e a resmungar que havia de pô-la a trabalhar... Brrrrrrrr. No meu quarto não havia aquecimento, mas havia uma pequena grade de ferro no chão que eu podia abrir ou fechar e que dava para os canos do gás do fogão da cozinha na parede voltada a este. Tal como a Física nos ensinou, o calor sobe. Aleluia! É que nos

ossos primeiros anos em South Street aqueles quatro canos foram a minha única fonte de calor e a minha salvação durante muitos invernos gelados de New Jersey. Uma voz a chamar, com duas meias notas que subiam depois para a nota inteira, que chegava até mim através da grelha: «Levanta-te, Bruce.» Eu a implorar, num tom completamente desprovido de música: «Liga o fogão.» Passados dez minutos, com o cheiro do pequeno-almoço já a ser feito nos bicos de gás do fogão, a geleira em que estava transformado começa a derreter e passo da cama para a manhã fria e inóspita. Tudo isto irá mudar quando, com a minha irmã deitada ao lado dela, a minha avó morre no quarto ao lado do meu. Aos 16 anos, terei de enfrentar uma melancolia que jamais sonhara que podia existir. Mas... vou herdar o quarto da minha avó — calor! — e a sinfonia matinal da minha mãe a arranjar-se para ir para o trabalho.

Levanto-me com facilidade. Quando não o faço, a minha mãe despeja um copo de água fria em cima de mim, uma técnica que aprimorou a arrancar o meu pai da cama para ir trabalhar. Eu e a minha irmã Virginia sentamo-nos à mesa da cozinha, onde já estão torradas, ovos e cereais cheios de açúcar. Depois, saímos rapidamente porta fora. Um beijo e lá vamos nós a caminho da escola, a carregar com as mochilas rua acima, ao mesmo tempo que os saltos altos da minha mãe vão dando pequenos estalidos no passeio na direção oposta, a caminho da cidade.

Vai para o trabalho, não falta um único dia, nunca está doente, nunca está em baixo, nunca se queixa. O trabalho não parece ser um fardo para ela, mas antes uma fonte de energia e prazer. Sobe a Main Street e desliza por entre as portas de vidro modernas da Lawyers Title Inc. Percorre o longo corredor até chegar à secretária dela, muito lá ao fundo e bem perto de Mr. Farrell. A minha mãe é secretária num escritório de advogados. Mr. Farrell é o patrão dela e o advogado mais importante do escritório. Por isso, ela é a secretária número um!

Quando era pequeno, adorava ir lá visitá-la. Ia sozinho, de bicicleta, e era logo recebido à entrada com um sorriso da rececionista. Ela ligava para a minha mãe e, depois, dava-me autorização para avançar pelo corredor. Os perfumes, as blusas brancas de tecidos rugosos, as saias e as meias sussurrantes das secretárias a saírem dos seus cubículos para me cumprimentarem exatamente à altura do peito delas, eu a fingir-me de inocente enquanto me abraçavam e me davam beijinhos no alto da cabeça. Era um percurso de puro prazer, que terminava junto à secretária da minha mãe, num êxtase de perfumes. Aí era cumprimentado pela Philly, a «estampa» da Lawyers Title, uma autêntica brasa e a última paragem antes da minha mãe. Ficava ao pé dela, envergonhado e sem conseguir falar, até a minha mãe ir salvar-me. Depois, passava alguns minutos com ela, entretido com a sua destreza de datilógrafa. Tic-tac, tic-tac, tic-tac, as teclas a chegarem à margem e, a seguir, a campainha decisiva da máquina de escrever, o deslizar para o princípio, uma pequena pancada, e outra vez os dedos dela, a voarem enquanto datilografava a correspondência vital para a Lawyers Title Inc. Depois, vinha a lição sobre papel de cópia e um curso rápido sobre como apagar borrões de tinta indesejados. E eu assistia a tudo, fascinado. Tudo aquilo era importante! A atividade da Lawyers Title — essencial para a vida da nossa cidade — era momentaneamente suspensa por minha causa!

De vez em quando, via «o Patrão». Eu e a minha mãe entrávamos no gabinete forrado com painéis de madeira e Mr. Farrell, com o seu ar grave, mexia-me no cabelo, dirigia-me algumas palavras simpáticas e dava-me o privilégio de me mandar embora. Às vezes, eu ia ter com a minha mãe por volta das cinco horas e éramos dos últimos a sair. O edifício vazio, com as luzes fluorescentes apagadas, os cubículos desertos e o sol do fim da tarde a entrar pelas portas de vidro e refletido no chão de linóleo da entrada, parecia estar a descansar silenciosamente do seu esforço diário ao serviço da cidade. Os saltos altos da minha mãe ecoavam

pelo corredor vazio até chegarmos à rua. O andar dela era imponente, exigia respeito; eu estava orgulhoso; ela estava orgulhosa. Era um mundo maravilhoso, uma sensação maravilhosa. Éramos membros bonitos e responsáveis daquele burgo, a puxar ao máximo pelo nosso peso individual, fazendo o que tinha de ser feito. Tínhamos um lugar ali, uma razão para abrir os olhos ao nascer do dia e inspirar aquela vida boa e sem percalços.

Verdade, consistência, profissionalismo, simpatia, compaixão, boas maneiras, ponderação, orgulho de nós próprios, honra, amor, fé e fidelidade para com a nossa família, empenho, alegria no trabalho e uma sede insaciável de viver: foram algumas das coisas que a minha mãe me ensinou e que eu sempre lutei por cumprir ao longo da vida. E, além de tudo isto... ela era ainda a minha protetora, pondo-se literalmente no fosso que havia entre mim e o meu pai nas noites em que a doença o dominava. Ela adulava-o, gritava-lhe, implorava-lhe e ordenava-lhe que acabasse com aquela raiva... e eu protegia-a. Uma vez, depois de o meu pai voltar de mais uma noite perdida no bar, ouvi-os discutir violentamente na cozinha. Eu estava deitado; estava com medo, por ela e por mim. Não tinha mais de 9 ou 10 anos, mas saí do quarto e descí as escadas com o meu taco de basebol. Eles estavam de pé, o meu pai de costas para mim, e a minha mãe a poucos centímetros da cara dele, enquanto ele gritava a plenos pulmões. Dei um berro e mandei-o calar. Depois, assentei-lhe o taco bem no meio dos seus ombros largos, com um baque surdo, e fez-se silêncio. Ele voltou-se para mim, com a cara vermelha, como quando estava no bar; o momento prolongou-se e, depois, desatou a rir. A discussão parou. Tornou-se uma das suas histórias preferidas, e estava sempre a dizer-me: «Não deixes que ninguém faça mal à tua mãe.»

Aos 23 anos, ainda uma jovem, ela teve de ceder demasiado controlo à minha avó, enquanto enfrentava os primeiros anos como mãe, mas, quando eu tinha 6 ou 7 anos, a minha mãe era tudo para mim. Sem ela, não havia nada: nem família, nem estabilidade,

nem vida. Ela não conseguia curar o meu pai, nem deixá-lo, mas, tirando isso, fazia tudo o resto. A minha mãe era um quebra-cabeças. Tendo nascido numa família relativamente abastada e usufruído de muitas das coisas boas da vida, ao casar abraçou uma vida de pobreza e quase de servidão. Uma vez, as minhas tias disseram-me que, quando era nova, lhe chamavam «Rainha» por ser tão mimada. Disseram-me que ela nunca tinha levantado um dedo. O quê? Estão a falar da mesma mulher? Se isso é verdade, eu nunca conheci essa mulher. A família do meu pai tratava-a como se fosse uma criada. O meu pai podia estar sentado, a fumar calmamente, e os pais dele chamavam-na para ir à loja, para ir buscar querosene para o fogão, levá-los de carro aonde eles ou os nossos familiares precisassem de ir — e ela fazia tudo isso. Servia-os. Foi a única pessoa que a minha avó deixou que lhe desse banho nos últimos meses do seu cancro corrosivo. Substituía constantemente o meu pai e foram inúmeras as manhãs em que teve de ir à rua comprar as coisas para o pequeno-almoço por ele estar na cama, deprimido, sem conseguir levantar-se. Passou a vida a fazer isso. A vida inteira. Nunca acabou. Havia sempre mais um desgosto, mais uma coisa a fazer. E como é que ela exprimia a sua frustração? Mostrando-se grata pelo amor e pela casa que tinha, dedicando um enorme afeto aos seus filhos e trabalhando mais. Que penitência estaria a pagar? O que recebia em troca de tudo isso? A família? Expição? Vinha de uma família de divórcios, abandono e prisão; amava o meu pai e, se calhar, a segurança de ter um homem que jamais a deixaria, nem poderia deixá-la, era suficiente para ela. Mas teve de pagar um preço muito alto.

Na nossa casa, não havia saídas à noite, nem restaurantes. O meu pai não tinha feitio para isso, nem dinheiro, nem saúde para ter uma vida normal de casado. A primeira vez que entrei num restaurante já tinha vinte e tal anos, e, mesmo assim, sentia-me intimidado por qualquer chefe de mesa dum simples restaurante local. O profundo amor e atração que os meus pais tinham um pelo outro, apesar do

fosso gigantesco que havia entre as suas personalidades, foi sempre um mistério para mim. A minha mãe lia romances e deliciava-se com os êxitos mais recentes da rádio. O meu pai explicava-me que as canções de amor faziam parte da conspiração do governo para levar as pessoas a casarem-se e a pagarem impostos. A minha mãe e as suas duas irmãs têm uma fé inabalável nas pessoas, são extrovertidas ao ponto de conversarem alegremente com o cabo da vassoura. O meu pai era um misantropo, que desdenhava da maior parte da humanidade. Encontrava-o muitas vezes no bar, sentado sozinho a um canto do bar. Dizia que acreditava num mundo que estava cheio de vigaristas capazes de se matarem por um dólar. «Não há ninguém que preste e se houve, também não interessa.»

A minha mãe enchia-me de afeto. Tentava compensar o amor que o meu pai não dava, dando-me o dobro, talvez tentando sentir algum do amor que não recebia do meu pai. Só sei que sempre tive a proteção dela. Quando era levado para a esquadra, por uma qualquer infração insignificante, ela ia sempre buscar-me para me levar para casa. Esteve sempre presente nos meus incontáveis jogos de basebol, quer quando eu deitava tudo a perder, quer quando eu era um jogador a sério, com o nome nos jornais. Foi ela que me comprou a minha primeira guitarra elétrica, que encorajou a minha música e que ficou deslumbrada com a minha escrita criativa precoce. Era pai e mãe, e era exatamente disso que eu precisava, pois o meu mundo estava prestes a explodir.

SETE

O *BIG BANG* (OUVIRAM A NOTÍCIA?)

No princípio, a Terra estava coberta por uma enorme escuridão. Havia o Natal e o dia de anos, mas, para lá disso, havia um vazio infinito e autoritário. Não havia nenhum objetivo por que lutar, nada no passado em que pudéssemos inspirar-nos, não havia futuro, nem história. Não havia nada com que um miúdo pudesse preencher as férias de verão.

Depois, num momento de luz ofuscante, como se no universo tivessem nascido um bilião de novos sóis, passou a haver esperança, sexo, ritmo, emoção, possibilidades, uma nova maneira de ver, de sentir, de pensar, de olhar para o corpo, de pentear o cabelo, de usar a roupa, de andar e de viver. Era uma nova e alegre demanda que começava, um desafio, uma maneira de sair daquele mundo morto para a vida, da sepultura daquela pequena cidade com todas as pessoas que eu tanto amava e que receava que estivessem lá enterradas, tal como eu.

AS BARRICADAS FORAM DERRUBADAS! FOI ENTOADO UM HINO DE LIBERTAÇÃO! OS SINOS DA LIBERDADE TOCARAM! NASCEU UM HERÓI. A VELHA ORDEM ACABOU! Os professores, os pais, os loucos que tinham tanta certeza de que sabiam A MANEIRA – A ÚNICA MANEIRA – de construir uma vida, de causar impacto, de formar um homem ou uma mulher, foram postos em causa. UM ÁTOMO HUMANO ACABOU DE DIVIDIR O MUNDO EM DOIS!

A pequena parte do mundo onde habito acabou de tropeçar num momento irreversível. Por entre os atos mundanos de variedades de uma noite rotineira de domingo, algures, no ano da Graça

de 1956... A REVOLUÇÃO FOI TRANSMITIDA PELA TELEVISÃO!! Mesmo por baixo do nariz dos guardiões da «NORMA», que, se pudessem imaginar as forças que seriam libertadas, chamariam a Gestapo nacional para ACABAR COM ESTA MERDA! ou SAQUEM-LHE LÁ UM CONTRATO DEPRESSA! Na verdade, a princípio, o árbitro do gosto público dos Estados Unidos por altura dos anos 50, «MC» ED SULLIVAN, não ia deixar aquele campónio sexualmente depravado, vindo lá do Sul, conspurcar a consciência americana, nem o palco do seu programa. Quando o génio se libertasse da lamparina na televisão nacional SERIA O FIM! O PAÍS IRIA SOÇOBRRAR! E nós, a ralé, os impotentes, os marginalizados, OS PUTOS!... iríamos querer MAIS. Mais vida, mais amor, mais sexo, mais fé, mais esperança, mais ação, mais verdade, mais poder, mais RELIGIÃO TERRA-A-TERRA, «Jesus, cospe em cima de mim e ensina os meus olhos cegos a VEREM»! Acima de tudo, iríamos querer mais ROCK 'N' ROLL!

A charada bem-educada, os números de circo indolentes, as cantoras anémicas, toda a porcaria sem alma (e, muitas vezes, bem agradável) que passava por entretenimento iria ser desmascarada. No final, as audiências e o dinheiro falaram mais alto, e o Ed (aliás, aquando da primeira aparição de Elvis, o Charles Laughton a substituir o Ed, que tinha sido afastado devido a um acidente de automóvel) avançou até ao meio do palco e cuspiu: «Minhas senhoras e meus senhores... Elvis Presley.» Nessa noite, 70 milhões de americanos assistiram àquele terramoto humano que punha toda a gente a dançar. Uma nação temerosa foi protegida de si própria pelos operadores de câmara da CBS, que receberam ordens para só filmarem «o miúdo» da cintura para cima. Nada de imagens sensacionalistas! Nada de imagens a balançar ou a impelir alegremente as ancas. Não fazia mal. Estava tudo nos olhos e na cara dele, no rosto de um Díónisos da *jukebox* de sábado à noite, nas sobrancelhas vibrantes e no *rock* da banda. Houve uma briga dos diabos. As mulheres, as raparigas e muitos homens

desataram a gritar por aquilo que as câmaras se recusavam a mostrar, pelo que a sua própria timidez confirmava e prometia: UM OUTRO MUNDO, o mundo abaixo da cintura e acima do coração, um mundo que dantes tinha sido rigorosamente negado e cuja existência estava agora a ser COMPROVADA! Era um mundo com todos nós lá dentro... juntos... *todos*. ELE TINHA DE SER OBRIGADO A PARAR!

E claro que, no fim, parou. Mas só depois de ter dado dinheiro a ganhar e de lhe ter escapado, por entre os lábios e por entre as ancas, o segredo de que esta vida, este «tudo» que conhecemos, é uma mera construção de papel. Vocês, meus amigos de olhos vidrados, que «sugam» a televisão ao jantar, estão a viver na MATRIX... e a única coisa que têm de fazer é verem o mundo real, o glorioso reino de Deus e Satanás na Terra, a única coisa que têm de fazer para tomarem o gosto à vida real é arriscarem-se a serem vocês mesmos, ousarem ver, ouvir todos os DJs de voz contaminada pela estática a tocarem, a altas horas da noite, a passarem discos «raciais» por baixo do balcão, a gritarem os seus manifestos pelos minúsculos rádios AM, com as estações cheias de poetas, génios, cantores de *rock*, de *blues*, pregadores, filósofos, dirigindo-se a VOCÊS, ao fundo da vossa alma. As suas vozes cantam: «Ouçam... ouçam o que o mundo está a dizer-vos, porque está a apelar ao vosso amor, à vossa raiva, à vossa beleza, ao vosso sexo, à vossa energia, à vossa revolta... porque precisa de VOCÊS para se refazer. Para renascer como algo diferente, algo melhor, mais divino, mais maravilhoso. Porque precisa de NÓS.»

Este mundo novo é um mundo a preto e branco. Um lugar de liberdade, onde as duas tribos mais culturalmente poderosas da América encontram um espaço comum, encontram prazer e alegria na presença uma da outra. Onde utilizam uma língua comum para comunicarem, para *ESTAREM* uma com a outra.

Foi um «ser humano» que propôs isto, que ajudou a passar a mensagem, um «rapaz», um zé-ninguém, uma vergonha nacional,

uma anedota, um ilusionista, um palhaço, um mágico, um guitarrista, um profeta, um visionário? Os visionários são uma espécie rara... Este homem não viu o que estava a chegar... CHEGOU e, sem ele, a América não seria o que é, não faria o que faz, nem pensaria como pensa.

Um precursor de uma vasta mudança cultural, uma nova espécie de homem, de um ser humano moderno, sem divisões raciais, nem divisões de géneros e muito, muito DIVERTIDO! A verdadeira espécie de homem abençoado pela vida, capaz de derrubar muros, de mudar os corações, de abrir as mentes, de criar uma existência mais livre e mais liberta. A ALEGRIA está à vossa espera, Senhor e Senhora Americanos comuns, e adivinhem uma coisa? É um *direito* que vos assiste desde que nasceram.

Foi um «homem» que fez isto. Um «homem» à procura de algo novo. Que conseguiu criar com a sua vontade. O grande gesto de amor de Elvis abanou o país e foi um dos primeiros ecos do movimento pelos direitos civis que viria a nascer. Foi o tipo de novo americano cujos «desejos» transformaram os seus objetivos em algo de que foi possível desfrutar. Era um cantor, um guitarrista que adorava a cultura musical negra, reconhecia a sua beleza artística, a sua preponderância, o seu poder, e que ansiava conhecê-la profundamente. Serviu o seu país no exército. Fez alguns filmes maus e alguns bons, desperdiçou o seu talento e tornou a reencontrá-lo, teve um regresso em grande e, à boa maneira americana, teve uma morte precoce e estrondosa. Não foi um «ativista», não foi um John Brown, nem um Martin Luther King Jr., nem um Malcolm X. Era um artista, um imaginador de mundos, um sucesso incrível, um falhanço embaraçoso e uma fonte de ações e ideias modernas. Ideias que, em pouco tempo, alteraram a identidade e o futuro da nação. Ideias cujo tempo tinha chegado, que nos desafiaram a decidirmos se queríamos assistir a um funeral de destruição e declínio nacional ou dançar ao ritmo do nascimento de um capítulo novo da história da América.

Não sei o que ele pensava sobre a raça. Não sei se ele pensou nas implicações mais vastas dos seus atos. Sei que foi isto que ele fez: viveu a vida que se sentiu impelido a viver e revelou a verdade que estava dentro dele e as possibilidades que estavam dentro de nós. Quantos de nós podemos dizer o mesmo? Que nos empenhámos em fazer algo? Depois de rejeitado, como uma anedota nacional, acreditou no sonho do tipo de país que poderíamos ser, explosões, salvação, preces, lutas, marchas, rezando, cantando, odiando e adorando o que íamos desbravando.

Nessa noite, quando acabou ao fim de poucos minutos, quando o homem com a guitarra desapareceu envolto em gritos, eu fiquei ali petrificado em frente à televisão, com a cabeça a mil. Tinha dois braços, duas pernas, dois olhos, como ele; era horrroso, mas podia esquecer isso... então, o que é que faltava? A GUITARRA! Ele atacava-a, encostava-se a ela, dançava com ela, gritava para ela, apertava-a, acariciava-a, abanava-a sobre as suas ancas e, de vez em quando, até a dedilhava! A chave-mestra, a espada cravada na pedra, o símbolo da retidão, o maior instrumento de sedução que os adolescentes alguma vez tinham visto, a... a... «RESPOSTA» à minha solidão e tristeza. Era uma razão de viver, uma forma de tentar comunicar com as outras almas infelizes presas à mesma condição que a minha. E... estavam à venda no centro da cidade, na Western Auto!

No dia seguinte, convenci a minha mãe a levar-me à Diehl's Music, em South Street, Freehold. Como não tínhamos dinheiro, alugámos uma guitarra. Levei-a para casa. Abri o estojo. Senti o cheiro da madeira (que continua a ser um dos cheiros mais doces e promissores do mundo), senti a sua magia, apercebi-me do seu poder oculto. Segurei-a nos braços, passei os dedos por cima das cordas, prenda a palheta de tartaruga com os dentes, senti o seu sabor, tive lições de música durante umas semanas... e desisti. Era DIFÍCIL COMO A MERDA! O Mike Diehl, guitarrista e dono da Diehl's Music, não fazia a menor ideia de como ensinar o que

o Elvis andava a fazer a um jovem admirador que queria cantar *blues* de escola primária. Apesar do seu acesso incrível àquelas máquinas espantosas, não fazia a menor ideia do verdadeiro poder que elas tinham. Prosaico como todos os americanos da década de 50, só sabia os acordes principais, tratar de papelada e passar horas sem fim com uma técnica brutalmente entediante. Eu QUERIA... PRECISAVA... DE ROCK, JÁ! Ainda hoje não sei ler pautas e, nessa altura, os meus dedos de menino de 7 anos nem sequer davam a volta ao braço. Frustrado e envergonhado, disse à minha mãe, ao fim de pouco tempo, que era escusado. Não fazia sentido ela andar a desperdiçar o dinheiro que tanto lhe custava a ganhar.

Na manhã de sol em que tinha de ir devolver a guitarra, perante seis ou sete miúdos e miúdas do bairro, dei o meu primeiro e último concerto (até ver...) no pátio das traseiras da minha casa: peguei na guitarra... abanei-a... gritei-lhe... bati com ela, cantei umas parvoíces estilo vudu — fiz tudo, menos tocar, provocando neles grandes risadas e muita diversão. Fui uma desgraça. Foi uma pantomina alegre e completamente estúpida. Nessa tarde, triste, mas de certa forma aliviado, deixei a guitarra na Diehl's Music. Por agora, tinha-se acabado, mas, por um momento, um pequeníssimo momento, perante aqueles miúdos no pátio da minha casa... senti um cheiro a sangue.

OITO

DIAS DA RÁDIO

A minha mãe adorava música, as músicas do Top 40; o rádio estava sempre ligado no carro e na cozinha, de manhã. A partir do aparecimento do Elvis, eu e a minha irmã saíamos da cama e, ao fundo da escada, éramos recebidos pelos êxitos do momento a saírem do pequeno rádio que estava em cima do frigorífico. Pouco a pouco, algumas canções foram captando a minha atenção. A princípio, eram as novidades — «Western Movies» dos Olympics; «Along Came Jones» dos Coasters —, os discos das grandes narrativas cómicas, em que as bandas se soltavam, parecendo sobretudo divertir-se com o *rock 'n' roll*. Eu enchia a *jukebox* do snack-bar local com moedas que a minha mãe me dava para ouvir vezes sem conta Sheb Wooley a cantar «The Purple People Eater» (*Mr. Purple People Eater, what's your line?... Eatin' purple people and it sure is fine*). Uma vez, no verão, passei a noite inteira acordado, com o meu minúsculo transístor japonês debaixo da almofada a contar quantas vezes passaram Lonnie Donegan a cantar «Does Your Chewing Gum Lose Its Flavor (On the Bedpost Overnight)?»

Pensando bem, os discos que mais me interessavam eram aqueles em que os cantores pareciam, ao mesmo tempo, felizes e tristes. «This Magic Moment», «Saturday Night at the Movies», «Up on the Roof» dos Drifters — canções que apelavam à alegria e aos desgostos amorosos do dia a dia. Era uma música cheia de uma profunda nostalgia, de momentos de transcendência espiritual, de uma resignação madura e... de esperança, esperança em relação àquela rapariga, àquele momento, àquele lugar, àquela

noite em que tudo muda, em que a vida se nos revela e em que nós nos revelamos. Eram canções que refletiam o desejo por um sítio verdadeiro, um sítio só nosso... no cinema, no centro da cidade, nos arredores, em cima do telhado, por baixo dos passadiços, escondidos do sol, onde ninguém nos visse, algures acima ou abaixo da luz cruel do mundo dos adultos. O mundo dos adultos, esse lugar de desonestidade, engano, falta de generosidade, onde as pessoas eram escravizadas, magoadas, postas em perigo, espancadas, derrotadas, onde as pessoas morriam — Deus, obrigadinho, mas, por agora, não estamos interessados. Preferimos o mundo da *pop*. Um mundo de romance, metáfora; sim, é verdade que também contém tragédia («Teen Angel»!); mas também tem imortalidade, eterna juventude, fins de semana de sete dias, e onde não há adultos (*It's Saturday night and I just got paid. I'm a fool about my money, don't try to save*). É um paraíso de sexo adolescente onde a escola nunca conta. É um mundo onde até esse grande autor trágico Roy Orbison, um homem que tinha de cantar para fugir ao apocalipse que o esperava a cada esquina, tinha a sua *pretty woman* e uma casa em «Blue Bayou».

Com a sua coragem, amor e afeto, a minha mãe transmitiu-me o entusiasmo pelas complexidades da vida, a insistência na alegria e nos momentos bons e a perseverança para acreditar que os tempos difíceis acabariam um dia. Alguma vez houve uma canção mais reconfortante e mais triste do que «Good Times» de Sam Cooke? É um espetáculo vocal assente num autoconhecimento e num mundo penoso... *Get in the groove and let the good times roll... we gonna stay here 'til we soothe our soul... if it takes all night long...* Pouco a pouco, os sons musicais do final dos anos 50 e do princípio dos anos sessenta penetraram em mim até aos ossos.

Nesse tempo, quando não se tinha dinheiro, o único divertimento familiar era «dar uma volta». A gasolina era barata, oito centimos o litro, e, por isso, todas as noites, os meus avós, a minha mãe, a minha irmã e eu percorríamos as ruas que nos levavam

aos arredores da cidade. Era a nossa extravagância e o nosso ritual. Nas noites quentes, com as janelas enormes todas abertas, descíamos a rua principal e depois voltávamos para sudoeste e íamos até ao princípio da Highway 33, onde fazíamos a paragem do costume na banca dos gelados Jersey Freeze. Com um salto, passávamos do carro para a janela de correr onde podíamos escolher dois sabores — contem bem, dois: baunilha e chocolate. Eu não gostava nem de um nem do outro, mas adorava os cones de bolacha. O tipo que estava ao balcão e que era o dono da banca guardava os partidos para mim e vendia-os a cinco cêntimos ou, então, dava-me um de graça às escondidas. Eu e a minha irmã sentávamo-nos no capô do carro, num êxtase silencioso, pois todos os sons, à exceção do zumbido dos grilos nos bosques das redondezas, eram abafados pela humidade de Jersey. A iluminação amarela do exterior funcionava como uma chama de néon para as centenas de insetos que pairavam e rodopiavam nas noites de verão. Nós ficávamos a vê-los zumbirem à volta da parede branca da banca dos gelados e só deixávamos de olhar quando o enorme cone de plástico do Jersey Freeze, empoleirado de forma instável no alto da pequena construção de tijolos cinzentos, ia desaparecendo aos poucos pelo vidro das traseiras do carro. Voltávamos pelas estradas secundárias pelo lado norte da cidade, onde a antena da rádio local parecia arranhar o céu nos campos à volta do Monmouth Memorial Home. Tinha três luzes vermelhas brilhantes, que se erguiam na sua estrutura de metal cinzento. Com o rádio do carro a reluzir ao som quase sobrenatural do *doo-wop* de finais dos anos 50, a minha mãe explicava-me que algures no meio das ervas se erguia um enorme gigante negro, invisível contra o negrume do céu noturno. As luzes ascendentes eram os «botões» vermelhos do casaco dele. Nunca acabávamos a nossa viagem sem passarmos pelos «botões». No caminho para casa, com os olhos já a ficarem pesados, era capaz de jurar que tinha visto os contornos escuros do gigante.

Estávamos em 1959, 60, 61, 62... os sons maravilhosos da música popular americana. A calma antes da tempestade do assassinato de Kennedy, uma América tranquila, com os lamentos dos amores perdidos a pairarem nas ondas da rádio. Às vezes, ao fim de semana, a «voltinha» levava-nos até à costa, até ao parque de diversões de Asbury Park ou até às praias mais tranquilas de Manasquan. Estacionávamos o carro de frente para a enseada. A seguir à mesa da cozinha, a enseada de Manasquan era o sítio de que o meu pai mais gostava no mundo. Ficava sentado sozinho no carro, horas a fio, a ver os barcos entrarem na barra vindos do mar. Eu e a minha irmã comíamos cachorros no Carlson's Corner e vestíamos os pijamas na praia, com uma toalha enrolada à nossa volta e com a minha mãe a vigiar. No caminho para casa, parávamos a ver filmes no Shore Drive-In e eu e a minha irmã adormecíamos no banco de trás. Quando chegávamos a Freehold, o meu pai levava-nos ao colo para a cama. Quando já éramos mais crescidos, saltávamos de pedra em pedra no escuro promontório de Manasquan, que, voltado a leste, desaparecia na escuridão do mar. Quando chegávamos à ponta, ficávamos extasiados com o negrume do Atlântico, onde só as luzes distantes dos barcos de pesca deixavam ver a linha do horizonte. Ouvíamos o ritmo das ondas do oceano a rebentarem junto à costa, muito lá ao longe, atrás de nós, ao mesmo tempo que a água subia pelas pedras e nos lambia os pés descalços e sujos de areia. Era como se estivéssemos a ouvir um código Morse, uma mensagem trazida lá dos lados de Inglaterra pela imensidão do mar... com as estrelas a brilharem intensamente no céu lá no alto.

NOVE

A SEGUNDA VINDA

Os deuses voltaram, mesmo a tempo, do outro lado do mar. Em casa, as coisas não estavam nada fáceis. A minha cara estava a explodir de acne. O Ed Sullivan, esse velho sacana que agora era também o meu herói nacional, estava outra vez a mudar a minha vida. A batalha ia começar. «Minhas senhoras e meus senhores, de Inglaterra... os Beatles!» Não havia ninguém no mundo que pronunciasse tão bem as palavras «The Beatles». Ganhava força com o «the», depois enfatizava o «Beat», que soava como um murro, e, por fim, perdia a cabeça com o «les». Tudo a passar mim a grande velocidade e a pôr o meu sistema em alta voltagem com dez mil watts de expectativa. Ficava sentado, com o coração aos saltos, à espera da oportunidade de ver pela primeira vez os meus novos salvadores, à espera de ouvir as primeiras notas redentoras a saírem das guitarras *Rickenbacker*, *Hofner* e *Gibson* nas suas mãos. The Beatles... The Beatles... The Beatles... The Beatles... The Beatles... um mantra «não é pecado estar vivo» e, ao mesmo tempo, o pior e mais glorioso nome de uma banda em toda a história do *rock 'n' roll*. Em 1964, não havia palavras mais mágicas na língua inglesa (bem... talvez houvesse o «Sim, podes tocar-me aí»).

The Beatles. Quando os ouvi pela primeira vez, ia de carro com a minha mãe em South Street e o rádio até queimava de tanto que brilhava com o esforço de não explodir com o som de «I Want to Hold Your Hand». Porque é que aquele som era tão diferente? Porque é que era tão bom? Porque é que eu estava tão excitado? A minha mãe deixou-me em casa, mas eu fui a correr para o salão

de bólingue em Main Street, onde passava sempre as primeiras horas a seguir à escola, debruçado sobre as mesas de bilhar, a beber *Coca-Cola* e a comer *Reese's Peanut Butter Cup*. Enfie-me na cabina telefónica e liguei para a minha namorada, Jan Seamen. «Já ouviste os Beatles?»

«Sim, são fixes...»

A minha paragem seguinte era na Newbury's, a loja das pechinchas no centro da cidade. Se voltássemos logo à direita, depois de entrarmos, íamos para o canto apertado onde estavam os discos (nesse tempo, lá nos confins onde vivíamos, não havia lojas de discos). Havia apenas algumas prateleiras com *singles* a 45 cêntimos. Não havia propriamente discos para mim, apenas alguns de Mantovani ou compilações de vários artistas, talvez alguns discos de jazz na prateleira do fundo. Nunca ninguém olhava para eles. Eram discos para «adultos». O mundo dos adolescentes era o mundo dos discos de 45 rotações. Um pequeno círculo de cera com um buraco do tamanho de meio dólar ao meio, onde tínhamos de pôr um adaptador de plástico. O gira-discos lá de casa tinha três velocidades: 78, 45 e 33 rotações por minuto. Os «nossos» eram os de 45. A primeira coisa que descobri foi um disco chamado *The Beatles with Tony Sheridan and Guests*. Uma vigarice. Os Beatles a acompanharem um artista qualquer de que nunca tinha ouvido falar a cantar «My Bonnie». Comprei-o. E ouvi-o. Não era grande coisa, mas era o mais perto que eu conseguia chegar até eles.

Fui lá todos os dias, até que A vi. A capa do álbum, a melhor capa de todos os tempos (empatada com *Highway 61 Revisited*). A única coisa que tinha escrita era *Meet the Beatles*. E era exatamente o que eu queria. Aqueles quatro rostos, meio na sombra, uma espécie de Mount Rushmore do *rock 'n' roll* e... O CABELO... O CABELO. O que significava aquilo? Foi uma surpresa, um choque. Aquilo não se via na rádio. Hoje em dia, é quase impossível explicar o efeito do... CABELO. As palmadas no rabo, os insultos, os riscos, as rejeições e o estatuto de marginal que tínhamos de aceitar para

o usar. Nos últimos tempos, só a revolução *punk* dos anos 70 deu aos rapazes dos meios pequenos a hipótese de declarar fisicamente a sua «diversidade», a sua rebeldia. Em 1964, Freehold era uma terra feia e provinciana, e havia muitos tipos dispostos a demonstrar à pancada que não gostavam da maneira como os outros se vestiam. Eu tentava ao máximo ignorar os insultos e evitar os confrontos físicos, e fazia o que tinha de fazer. A nossa tribo era pequena, talvez ao todo uns dois ou três do meu liceu, mas foi crescendo em tamanho e em poder e, depois, as pessoas deixaram de ligar... mas só ao fim de algum tempo... e, entretanto, de cada vez que o sol nascia trazia consigo a possibilidade de um confronto. Em casa, isso traduzia-se apenas em mais achas para a fogueira que ia ardendo entre mim e o meu pai. A primeira reação dele foi desatar à gargalhada. Achou piada. Depois, deixou de achar tanta piada. A seguir, zangou-se. E, por fim, fez a pergunta que andava a consumi-lo: «És maricas, Bruce?» E não estava a brincar. Enfim, algum dia aquilo teria de lhe passar. Mas, primeiro, as coisas ainda haviam de piorar bastante.

Na escola, ia-me safando. Só tive uma verdadeira cena de pancada no caminho da escola para casa. Estava farto de piadas e fiz frente a um putto que tinha a certeza de conseguir arrumar, à entrada de uma casa qualquer lá do bairro. Ao fim de pouco tempo, já tínhamos à nossa volta um pequeno círculo de tipos à procura de sensações. Antes de começarmos, num espírito de total abertura, ele disse-me que sabia fazer karaté. Pensei para comigo: «Tretas. Quem é que faz karaté em New Jersey em 1966?... NINGUÉM!» Mandei-lhe uns murros e ele respondeu com um golpe de karaté perfeito na maçã-de-adão... aaarrrrr. Cuspi. Não conseguia falar. Tinha acabado. Mais uma grande vitória. Fizemos juntos o resto do caminho até casa.

Nesse verão, o tempo demorava muito tempo a passar. Todas as quartas-feiras à noite, eu ficava sentado na cama a ver a tabela

dos Top 20 da semana e, se os Beatles não estivessem no seu lugar de reis da rádio, passava-me. Quando «Hello Dolly» se fixou no primeiro lugar várias semanas a fio, fiquei doido de alegria. Não tinha nada contra «Satchmo», um dos maiores músicos de todos os tempos, mas tinha catorze anos e vivia noutra planeta. Vivia à espera da saída de mais um disco dos Beatles. Procurava nos quiosques todas as revistas com uma fotografia que eu ainda não tivesse visto e sonhava... sonhava... sonhava... que era eu. Como que por milagre, o meu cabelo encaracolado italiano ficava liso, a minha cara ficava sem acne, e o meu corpo encolhia e cabia num daqueles fatos à Nehru. Estava empoleirado nos saltos de umas botas cubanas à Beatles. Não demorei muito tempo a perceber: eu não queria propriamente *conhecer* os Beatles. Queria SER os Beatles.

Depois de o meu pai se ter recusado a pagar um aumento da renda, mudámo-nos para o número 68 de South Street e passámos a ter... água quente! Mas, para isso, tivemos de ir morar para junto de uma bomba de gasolina da Sinclair, para uma casa geminada. Na casa ao lado, vivia uma família de judeus. Apesar de não serem racistas nem antissemitas, os meus pais sentiram-se na obrigação de me advertirem a mim e à minha irmã de que aquelas pessoas... NÃO ACREDITAVAM EM JESUS! Quaisquer problemas teológicos que pudessem surgir foram imediatamente esquecidos, quando vi duas estampas, as filhas dos meus novos vizinhos do lado, dotadas de uma voluptuosidade fabulosa, de uns lábios carnudos, uma pele lisa e morena e uns seios valentes — ai! Comecei logo a imaginar noites tórridas no alpendre, com as pernas bronzeadas delas a saírem de uns calções de verão, enquanto debatíamos a questão de Jesus. Pessoalmente, eu trocava rapidamente o nosso salvador de há dois mil anos por um beijo ou um dedo a deslizar pelo tornozelo cor de café de uma das minhas vizinhas. Infelizmente, eu era tímido e elas eram castas e ainda estavam sob o domínio

firme de Iavé, da Mamã e do Papá. Uma noite, quando abordei a questão de Jesus, foi como se tivesse dito «foda-se». As doces palmas das mãos ergueram-se rapidamente à frente dos lábios rosados e, a seguir, veio o riso feminino de meninas coradas. Iriam ser muitas, as noites agitadas de adolescentes no número 68 de South Street.

Tínhamos amigos negros, apesar de só raramente entrarmos em casa uns dos outros. Nas ruas, reinava a diplomacia. Os adultos brancos e os negros eram cordiais, mas distantes. Os filhos brincavam juntos. Havia uma espécie de racismo fácil entre as crianças. Trocávamos insultos. As discussões eram resolvidas, quer com um pedido de desculpas, quer com uma troca de murros, consoante a gravidade da ofensa e o humor reinante nesse dia. Depois, a brincadeira continuava. Deparei com miúdos racistas, que aprendiam isso em casa, a pouca distância da minha, mas só conheci miúdos que não brincavam com negros quando comecei a dar-me com tipos da classe média e alta. Lá em baixo, estávamos todos juntos, quer pela proximidade física, quer pela necessidade de ter alguém com quem fazer equipa. O racismo dos anos 50 era tão raro e inocente que, se um amigo negro fosse excluído de um jogo em casa de um dos nossos «verdadeiros» amigos, paciência. Ninguém dizia nada. Mas, no dia seguinte, o grupo de brancos e negros voltava a juntar-se para brincar e já ninguém se lembrava de nada.

Eu era amigo dos irmãos Blackwell, o Richard e o David. O David, um miúdo negro, magro e desengonçado, era da minha idade e costumávamos passar bastante tempo juntos, a andar de bicicleta e a jogar à bola. Andávamos à luta para ver qual de nós era o mais forte. Ele arrumava-me com duas direitas valentes; depois voltávamos a brincar. O irmão dele, o Richard, era um pouco mais velho, alto e um dos tipos mais fixos que alguma vez conheci. Tinha inventado a sua própria maneira de andar — uma verdadeira obra de arte: um passo para a frente com uma das pernas e, depois, um arrastar lento da outra, com uma ligeira inclinação

da anca, o braço contrário dobrado pelo cotovelo, o pulso esticado, como se estivesse a fumar um cigarro com uma boquilha; sempre com a mesma velocidade, percorria as ruas de Freehold como um músico de *jazz*, sem qualquer expressão no rosto e com os olhos semicerrados. Falava muito e devagar. Quando nos concedia uns minutos do seu tempo, nós íamos embora como se tivéssemos sido abençoados pelo papa do *cool*.

As tensões raciais no liceu de Freehold explodiam com violência. Se entrássemos na casa de banho errada, as luzes apagavam-se e começava a pancada. Uma tarde, entrei na casa de banho do rés do chão e fui até à latrina ao lado de uma onde estava um negro meu amigo. Comecei a falar com ele e ele respondeu: «Agora não posso falar contigo.» Eu era branco e ele era negro; a linha tinha sido traçada, mesmo entre os amigos do bairro. Não poderia haver comunicação enquanto não acabasse e ia demorar muito tempo a acabar. Começaram a eclodir tumultos na cidade. Tinha havido uma troca de palavras mais acesa entre os ocupantes de dois carros num semáforo de South Street e tinham disparado contra um carro cheio de miúdos negros. No snack-bar na esquina da minha rua houve uma manifestação, depois de terem expulso de lá um velhote negro, que caiu e ficou ferido. Vi do alpendre da minha casa o dono da segunda casa a contar da minha correr para um grupo de negros a brandir um facalhão. Tiraram-lha, mas foi um milagre ninguém ter morrido. Perseguiram um tipo até ao alpendre da casa ao lado da minha e atiraram-no lá para dentro pela janela. Os ventos estavam a mudar... e da pior maneira.



ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-999-8643-02-3



9 789898 843623

Biografia/Memórias

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT